

CASA

VOGUE

BRASIL



IMPULSO CRIATIVO

DESIGNERS, ESCRITORES E ARTISTAS FAZEM DE SUAS CASAS
PLATAFORMAS DE EXPRESSÃO PESSOAL



880214

7 898937

CARGA TRIBUTÁRIA FEDERAL APROXIMADA 5,15%





artefacto



Telegram @clubederevistas



beach & country
artefacto

Telegram @clubederevistas



@dunellioficial



DUNELLI

Telegram @clubederevistas

DREAMED BY



FURNISHED BY

ARMANI/CASA



VISTA VENEZIA

464 A 515 M² | PENTHOUSES DE 695 A 883 M²

AVENIDA LOPES DE AZEVEDO, 46 - JARDIM GUEDALA

11 **4118-4015** / vistacyrela.com.br



X

VISTA

CYRELA

RENDERIZAÇÃO DA USTEDADA E RACHADA

REALIZAÇÃO:



J.Safra Properties

REALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO:



CYRELA

CASA

VOGUE

fevereiro 2025

12 EXPEDIENTE

14 COLABORADORES

15 EDITORIAL

16 **CASA VOGUE AMA Caixa de surpresas**

A força criativa de designers contemporâneos do Brasil e do mundo se materializa na seleção de novidades do mês

22 **DESIGN Loucura prática** De pai para filho, o ateliê Fornasetti atravessa o tempo manufaturando de porcelanas a sonhos

28 **DESIGN Cabeça e coração** A trajetória multidisciplinar de Faye Toogood, eleita designer do ano pela Maison&Objet

34 **DESIGN Natureza tátil** Uma colaboração com a Fendi é o mais recente fruto do trabalho artesanal e experimental de Lewis Kemmenoe

38 **CULTURA Cinema concreto** A arquitetura é protagonista do filme *O Brutalista*, que estreia em telas brasileiras este mês

43 **UNIVERSO CASA VOGUE**

44 **Território aberto** O sobrado de Pedro Tourinho, no centro histórico de Salvador, conta com intervenções de Daniel Jorge

54 **Esteta e astuta** A personalidade nada monótona de Marie Olsson Nylander dá o tom de sua casa sueca

64 **Citações do futuro** Em Milão, o estúdio Di Virgilio Veneziano converte um imóvel centenário em apartamento-galeria

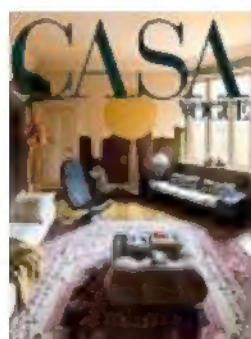
74 **1+1** O casal de criativos Li Guanru e Song Zhen transforma o décor de sua morada em Pequim em uma jornada de autoconhecimento

84 **É tudo da lei** Misticismo e ecletismo habitam a casa de campo do designer de interiores Arnaud Cabri-Wiltzer, em Sintra, Portugal

95 **ENDEREÇOS**

98 **LAST LOOK Dias tão azuis** Cultura do surfe e charme campestre se unem no Boa Vista Surf Lodge, hotel recém-aberto no interior paulista

54



NOSSA CAPA

Living do apartamento de Marie Olsson Nylander, em Helsingborg, Suécia
Foto Monica Spezia/
Living Inside

No app Globo+, a revista em versão mobile, em PDF, e com updates diários



ESTA EDIÇÃO É CARBON NEUTRAL

Compensamos nossa emissão de CO₂ por meio da recomposição florestal

 Telegram @clubederevistas
Salone del Mobile.Milano

THOUGHT FOR HUMANS.

08-13.04 2025
FIERA MILANO - RHO



Scan here
and buy your
ticket now

madeinitaly.gov.it



Ministero delle Attività Produttive
e della Cooperazione Internazionale

ITA
ITALY TRADE ASSOCIATION



Salone del Mobile.Milano

Telegram @clubederevistas

CASA VOGUE

Diretor de Conteúdo **GUILHERME AMOROZO**

Diretora de Estilo **ADRIANA FRATTINI**
Redatora-Chefe **MARIANA CONTE**

REDAÇÃO

Editores **NICOLY BERNARDES** (Decoração) e **RAFAEL BELÉM** (Digital)
Editores-Assistentes **CAMILA SANTOS** (Design) e **GUSTAVO FRANK** (Digital)
Estagiária **MARIA MESQUITA** Produtora Executiva **ADRIANA MORI**

ARTE

Editor **JEFF LEAL** Designer **THAIS ARAÚJO FIGUEIREDO**

COLABORADORES

BENEDETTA ROSSI, BORIS SHIU, CESAR AUGUSTO MIRANDA MATIUSSO, FERNANDA MASSAROTTO, FILIPPO BAMBERGHI, HUO YUJIA, JOSÉ AMÉRICO JUSTO (REVISÃO), LAURA FANTACUZZI E MAXIME GALATI-FOURCADE/LIVING INSIDE, LORETO LÓPEZ-QUESADA, LÚCIA GUROVITZ, MAITE SEBASTIÁ, MARINA P. ASINS, MONICA SPEZIA/LIVING INSIDE, PAULA JACOB, RICARDO GODEGUEZ (ARTE), RICARDO LABOUGLE, SILVIA ALBERTINI, VANESSA D'AMARO E YUAN FANG

EDIÇÕES | GLOBO CONDÉ NAST

Diretora Geral **PAULA MAGESTE**

Assistente Executiva **MARCIA CAETANO**

PUBLICIDADE

Diretora de Negócios **ANITA CASTANHEIRA** (acastanheira@globocondenast.com.br)
Gerente Comercial **FLAVIA GOZOLI** (fgozoli@globocondenast.com.br)

ESTÚDIO DE CRIAÇÃO

Gerente de Projetos
MARINA CHICCA (mchicca@globocondenast.com.br)

MARKETING | NOVOS NEGÓCIOS

Gerente de Marketing **DANIELA LAURENTI** (dlaurenti@globocondenast.com.br)
Analista de Marketing **GABRIELA KELAB** (gsilva@globocondenast.com.br)

COMUNICAÇÃO E EVENTOS

Diretora de Comunicação e Eventos
CAROLINA CORRÊA (ccorrea@globocondenast.com.br)
Analista de eventos **MAYARA SOUTO** (msouto@globocondenast.com.br)

PUBLICIDADE CENTRALIZADA

Diretor Nacional de Negócios **SAMUEL SABBAG**
Diretor de Desenvolvimento de Audiência e Comercial **TIAGO AFONSO**
Coordenadora de Marcas **RENATA DIAS**
Diretores de Negócios Multiplataforma
EMILIANO MORAD HANSENN, JOÃO MEYER, LILIAM BAIMA
E ROBERTA FAIRBANKS

PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA

Diretor de Negócios Multiplataforma
MARCELO LIMA DA CUNHA MATTOS
Gerentes de Negócios Multiplataforma (RJ)
DARLENE BASTOS CAMPOS, MONICA MONNERAT
Diretor de Negócios Multiplataforma (DF)
LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA MANSO

PUBLICIDADE REGIONAL

PARANÁ | SANTA CATARINA | RIO GRANDE DO SUL
JAZZ REPRESENTAÇÕES com Claudia Weber
(cweber@jazzppg.br)

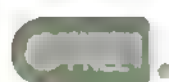
MILÃO OBERON MEDIA com Mr. Angelo Careddu
(contact@oberonmedia.com)

NOVA YORK | MIAMI CONDÉ NAST INTERNATIONAL
com Mr. Alessandro Cremona
(alessandro_cremona@condenast.com)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

CHRISTIANE CLARE MACK, FREDERIC ZOGHAIB KACHAR,
JASON MILES, LEONARDO DIB, MANUELA U.C. DE MATTOS,
RAFAEL MENIN SORIANO E TIAGO AFONSO

CASA VOGUE BRASIL é uma publicação das Edições Globo Condé Nast S.A. Rua Geratiba, 207, Butantã - São Paulo, SP CEP 05501-030
Atendimento e assinaturas: Tel. 4003-9393 | WhatsApp e Telegram (11) 4003-9393 www.assnegobo.com.br
Horário de atendimento: de segunda-feira a sábado, das 8 às 15h



ESTA EDIÇÃO É CARBON NEUTRAL

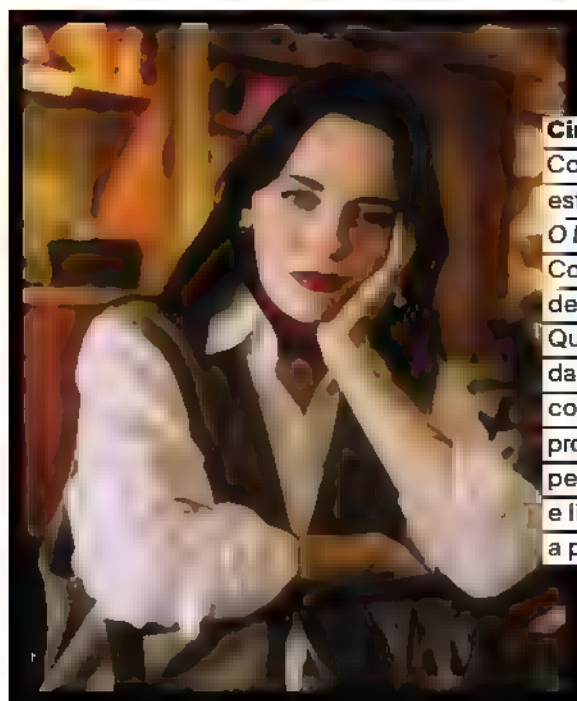
Compensamos nossa emissão de CO₂ por meio da recomposição florestal



Quem espera mais das suas viagens merece o Terminal BTG Pactual.

O BTG Pactual é um Banco completo, com atendimento 24x7,
cartão de crédito com desconto* no acesso ao Terminal BTG Pactual
em Guarulhos e cashback do IOF em suas viagens.
Tudo isso na Melhor Plataforma de Investimentos do ano pela FGV.





Cinema bruto

Com estreia prevista para este mês nas telas brasileiras, *O Brutalista*, do diretor Brady Corbet, já coleciona uma série de premiações e indicações. Quem detalha a complexidade da produção do longa que coloca a arquitetura como protagonista é a jornalista e pesquisadora de cinema e literatura **Paula Jacob**, a partir da pág. 38

Imaginação FERTIL

JORNALISTAS E FOTÓGRAFOS
PODEM SER CONSIDERADOS **PROFISSIONAIS**
CRIATIVOS? SE ESTIVERMOS FALANDO
DESTES AQUI, COM CERTEZA!



A milanese

Em *Citações do futuro* (pág. 64), a jornalista e curadora **Silvia Albertini** empenha-se na tarefa de nos transportar a um centenário imóvel em Milão, cidade onde mora. Reformado pela designer **Luciana Di Virgilio** e pelo artista **Gianni Veneziano**, o reduto multidisciplinar equilibra o ontem, o hoje e o amanhã



Descobridor de belezas

Em solo brasileiro ou no exterior, os cliques do fotógrafo **Filippo Bamberghi** arrancam suspiros até dos mais insensíveis. Neste número ele nos revela a casa de **Pedro Tourinho**, na capital baiana (pág. 44), e o apartamento-galeria de **Luciana Di Virgilio** e **Gianni Veneziano** (pág. 64), em Milão



Luz da Bahia

Vem de longe a habilidade da jornalista **Vanessa D'Amaro** para contar histórias de moradores criativos e suas casas fantásticas. Em *Território aberto* (pág. 44), ela descreve as peculiaridades do lar do comunicólogo **Pedro Tourinho**, em Salvador

editorial

CRIAR PARA CRER

Todos temos na ponta da língua uma forma rápida e simplificada de explicar a uma criança o que é criatividade. Em geral, falaremos da capacidade inata de uma pessoa de inventar algo que não existe, imaginar uma coisa na sua cabeça e, ocasionalmente, colocá-la no mundo. Analisado no microscópio, porém, o termo é mais difícil de definir. Trata-se de substância escorregadia, feita de elementos neurológicos, sociais, químicos, psicológicos, geográficos, fisiológicos – tudo desembocando numa sensibilidade aguçada para perceber e processar informação sensorial e, a partir dela, associar ideias distintas, fazer analogias inesperadas e dar à luz pensamentos originais. Tentar descrevê-la nos encorajou a trazer de volta para uma edição impressa da *Casa Vogue* um tema que não aparecia aqui desde 2021 – a criatividade em sua essência.

“Criatividade é liberdade de pensamento e imaginação”, aponta Barnaba Fornasetti, na ótima entrevista concedida a Fernanda Massarotto (pág. 22), em visita exclusiva ao ateliê do herdeiro de Piero Fornasetti (1913-1988), um dos maiores designers-artistas italianos do séc. 20 – não sem depois pontuar que, ao menos ali (assim como em quase todos os ambientes que publicamos), a imaginação serve ao propósito de produzir algo, os oníricos objetos decorativos de sua marca, uma “loucura funcional”, segundo ele.

Onírica também foi a Maison&Objet de janeiro, feira que abre o calendário internacional do design em Paris, e que propôs como tema central a aplicação de doses nada homeopáticas de surrealismo a nossos lares e espaços comuns (e que coincidência tantos surrealismos no mês em que perdemos o surreal David Lynch). A redatora-chefe Mariana Conte esteve lá e retornou com um saboroso perfil da britânica Faye Toogood (pág. 28), eleita no evento francês a designer do ano de 2025.



GUILHERME AMOROZO
Diretor de conteúdo

Na seção *Universo* (pág. 43), casas em três continentes revelam até onde pode ir a inventividade de arquitetos, designers e outros profissionais criativos quando ela é posta a serviço da composição de moradias únicas, capazes como só elas de expressar a personalidade de quem as concebe e habita. A história que conta Huo Yujia, sobre um casal de Pequim (pág. 74), é exemplar: a reforma do apartamento da dupla transformou-se numa jornada de autoconhecimento. Não é assim muitas vezes, quando mudamos a nossa casa? Ou quando nos permitimos inventar a nossa própria vida?

Porque a verdade é que somos todos criativos, não só artistas, designers ou escritores, mas também médicos, engenheiros, cientistas. É condição humana. Poder abraçá-la, profissionalmente ou não, é um dos privilégios de estar vivo. Como escreve Rosa Montero acerca do tema, “criar não apenas te permite viver, [...] como também essa vida é maravilhosa, de uma intensidade, uma plenitude e um brilho sem igual”. Boa leitura! ●

CAIXA DE SURPRESAS

SOLUÇÕES INOVADORAS EXIGEM CURIOSIDADE E DEDICAÇÃO. OS ARTIGOS A SEGUIR DEMONSTRAM A SÓLIDA CRIATIVIDADE DE SEUS AUTORES

POR CAMILA SANTOS



COSTURA DE TRADIÇÕES

Reverenciar antigos costumes e técnicas é uma tradição que os designers Ukyo Maru e Richard Bong, autores do livro *Costura de Tradições*, exploram pela primeira vez da forma Matsuno. O livro, lançado em 2023, apresenta uma coleção de luminárias, jogak, e corologos, entre outros, que são feitos a partir de técnicas tradicionais japonesas, como o *bojagi*, prática têxtil japonesa utilizada para criar bolsas e outros objetos. Os autores também exploram a criação de esculturas de luminárias, que são feitas a partir de técnicas tradicionais japonesas, como a *shibubori*, que consiste em dispor retalhos de seda dispostos em padrões decorativos.

fruta do pé

Com variações populares do Norte ao Sul do Brasil, o sabor cítrico da tangerina transporta as designers

Julyana Hilgenstieler e Nicole Liz Salvatierra às lembranças de infância vivenciadas no Paraná.

A fim de resgatar esses momentos, a dupla, à frente do escritório Tiie Design, inspirou-se na fruta para desenhar sua mais recente coleção de móveis, lançada pela Breton. Pensada para áreas externas, a cadeira (abaixo)

tem encosto de corda náutica que faz alusão ao formato dos gomos escondidos dentro da casca alaranjada. breton.com.br



JANELA PARA O MUNDO

no qual o príncipe meditava ou estudava

Schiavo. A dupla, que lidera o escritório Palma, celebra esse espaço íntimo de contemplação



NATUREZA HÍBRIDA

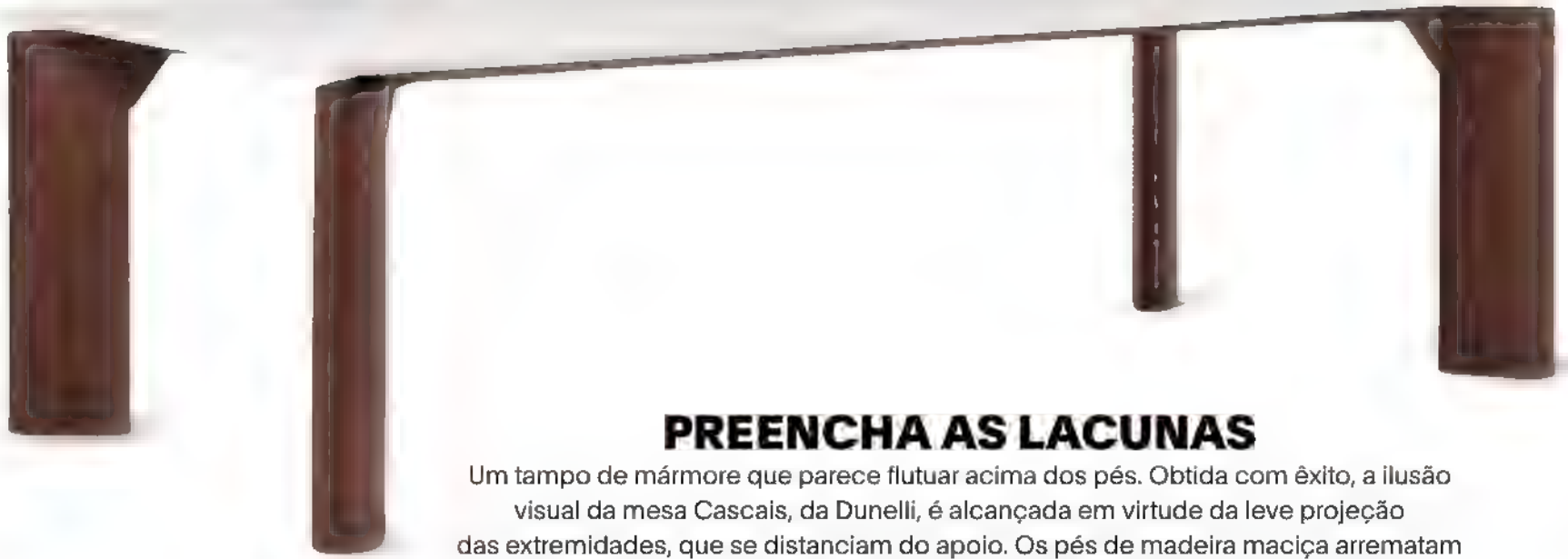
Sem colas ou parafusos, as novas mesas de série limitada do arquiteto Lucas Jimeno Dualde não contam com nenhuma intervenção além da precisão do arranjo. Construídas com freijó, limestone e granito, propõem um jogo de peso e equilíbrio, onde quem manda é a densidade de cada material. Exibidas durante a última Design Miami, em dezembro, têm como influências o trabalho do italiano Angelo Mangiarotti (1921-2012) e as investigações do artista e designer Isamu Noguchi (1904-1988), conhecidos por dissolver as barreiras entre arte e funcionalidade. lucasjdualde.com



MOLEJO

Atento a todos os ângulos dos móveis que elabora, o arquiteto e designer Felipe Protti opta por deixar aparente a estrutura de suas criações, numa busca por transmitir elegância e simplicidade estética. A poltrona Nozag (acima) não foge à regra, ao expor a mola que inspira o seu nome. Muito usado na fabricação de estofados, o item, também conhecido como zigue-zague, garante o conforto e a durabilidade do assento, revestido com tecido da Tramare. prototypeesp.com.br





PREENCHA AS LACUNAS

Um tampo de mármore que parece flutuar acima dos pés. Obtida com êxito, a ilusão visual da mesa Cascais, da Dunelli, é alcançada em virtude da leve projeção das extremidades, que se distanciam do apoio. Os pés de madeira maciça arrematam a composição com um posicionamento inesperado, definido para acentuar o design contemporâneo do conjunto. A peça oferece possibilidade de customização de acordo com as opções disponíveis no catálogo da marca. dunelli.com.br



BAÚ DE MEMÓRIAS

Algumas gavetas do arquiteto e designer Arthur Casas guardam referências de designers como Franco Albini (1905-1977), Sergio Rodrigues (1927-2014) e Hans Wegner (1914-2017). Das lembranças desses mestres deriva a cadeira Palhoça, que assina para a Herança Cultural, feita de freijó e assento artesanal de palha trançada de bananeira ou de papel. Priorizando a ergonomia, o encosto flexível acompanha harmoniosamente o movimento do corpo ao se inclinar. herancacultural.com



mineral digital

As ricas texturas dos minerais brasileiros sempre encantaram os designers Ále Alvarenga, Marina Grapiuna e Tetê Moreira, da Dua.dsg, por remeterem a algo escondido nas profundezas. Desse interesse latente, idealizaram digitalmente os objetos Inter(fer)ia, produzidos então com argila. Todos passam por uma técnica de origem egípcia aprimorada por Alessandra Busto, da Una Ambientes, e, em seguida, recebem detalhes de bronze. Caju (foto) é uma das linhas desenvolvidas com o auxílio de artesãos – celebra a fruta tão ligada à cultura nacional.

[instagram.com/dua.dsg/](https://www.instagram.com/dua.dsg/)
[instagram.com/unaambientes](https://www.instagram.com/unaambientes/)

UMA NOTA SÓ

Ao elencar grandes compositores da música popular americana, é impossível não mencionar Cole Porter (1891-1964), conhecido por letras eternizadas na voz de ícones como Frank Sinatra (1915-1998). Fãs das canções do compositor, os designers Roberto Cimino e Nelson Amorim prestam tributo a ele com o banco Cole Porter, para a Artefacto Beach & Country. O item incorpora a técnica construtiva japonesa em que todas as partes se conectam por meio de encaixes e cavilhas. artefacto.com.br/beach-country



meu querido marceneiro

No banco Ofício (*à dir.*), assinado por Luia Mantelli para a Drio, o trabalho de marcenaria aparece como tributo aos artesãos que transformam a matéria-prima em elementos cheios de história. A estrutura de madeira reflete a busca pela simplicidade e pela qualidade impecável por parte dos artesãos. Ao explorar matizes semelhantes, o arquiteto amplia o leque de texturas com a adição da camurça, conferindo um toque aveludado e acolhedor ao móvel. drio.ind.br



METAL VERDE

Após dez anos de pesquisa e desenvolvimento, o designer Tom Dixon lança a coleção de móveis Groove, destinada a áreas externas. A novidade remonta às colaborações do britânico com a empresa de chapas metálicas Trumpf, em 2012, e com a produtora de alumínio Hydro. Resistente à corrosão, o alumínio foi eleito para compor mesa, cadeiras, poltronas e bancos com perfume art déco. No Brasil, à venda na Casual Móveis. casualmoveis.com.br





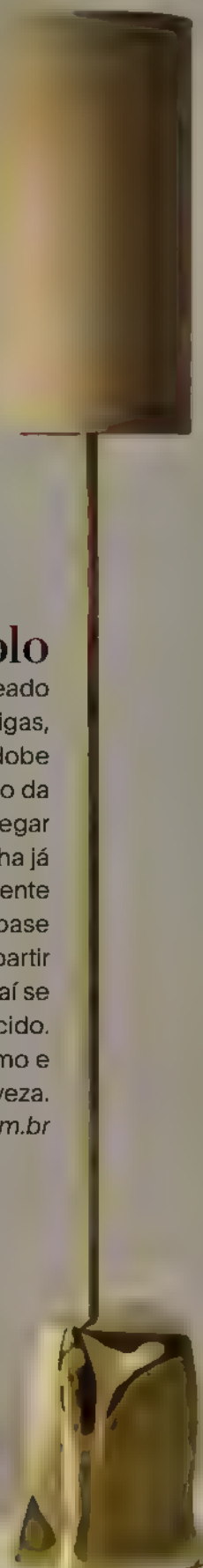
FIGURAS ÍMPARES

Vô Joaquim é um preto velho caridoso, bondoso e humilde, com fala mansa e cheia de ternura. A descrição refere-se a uma das primeiras obras da série Figuras, do artista e designer têxtil Alex Rocca, na qual faz releituras de pinturas de artistas brancos com a inserção de personagens negros. No caso do exemplo à esq., o curitibano usou algodão e resíduos de fios naturais para propor uma nova interpretação do conjunto de retratos pintados pelo britânico David Hockney. alex-rocca.com



tijolo por tijolo

Material vernacular manuseado desde as civilizações antigas, o barro que gera o tijolo de adobe guiou o processo criativo da designer Cris Bertolucci para chegar ao abajur que amplia uma linha já consolidada. Cuidadosamente modelada pela criativa, a densa base de bronze ganhou forma a partir de um bloco de argila, para daí se interligar à cúpula de tecido. O resultado: mais dinamismo e contraste entre robustez e leveza. cristianabertolucci.com.br



A red door with a grid of circular portraits. The portraits are arranged in a grid, with some showing faces and others showing abstract patterns. A central emergency exit sign is mounted on the door. A computer mouse is visible on the door, and a small owl is perched on the handle.

USCITA DI
EMERGENZA

A porta de emergência do ateliê é decorada com rostos da musa de Piero Fornasetti, a soprano Lina Cavalleri. Na página seguinte, Barnaba Fornasetti observa a película com a imagem Occhio

LOUCURA PRÁTICA

No norte de *Milão*,
Barnaba Fornasetti
mantém viva a
fantástica fábrica de
porcelanas, móveis,
papéis de parede –
e sonhos – imaginada
pelo pai, *Piero*

TEXTO FERNANDA MASSAROTTO, DE MILÃO

FOTOS LAURA FANTACUZZI E MAXIME
GALATI-FOURCADE/LIVING INSIDE





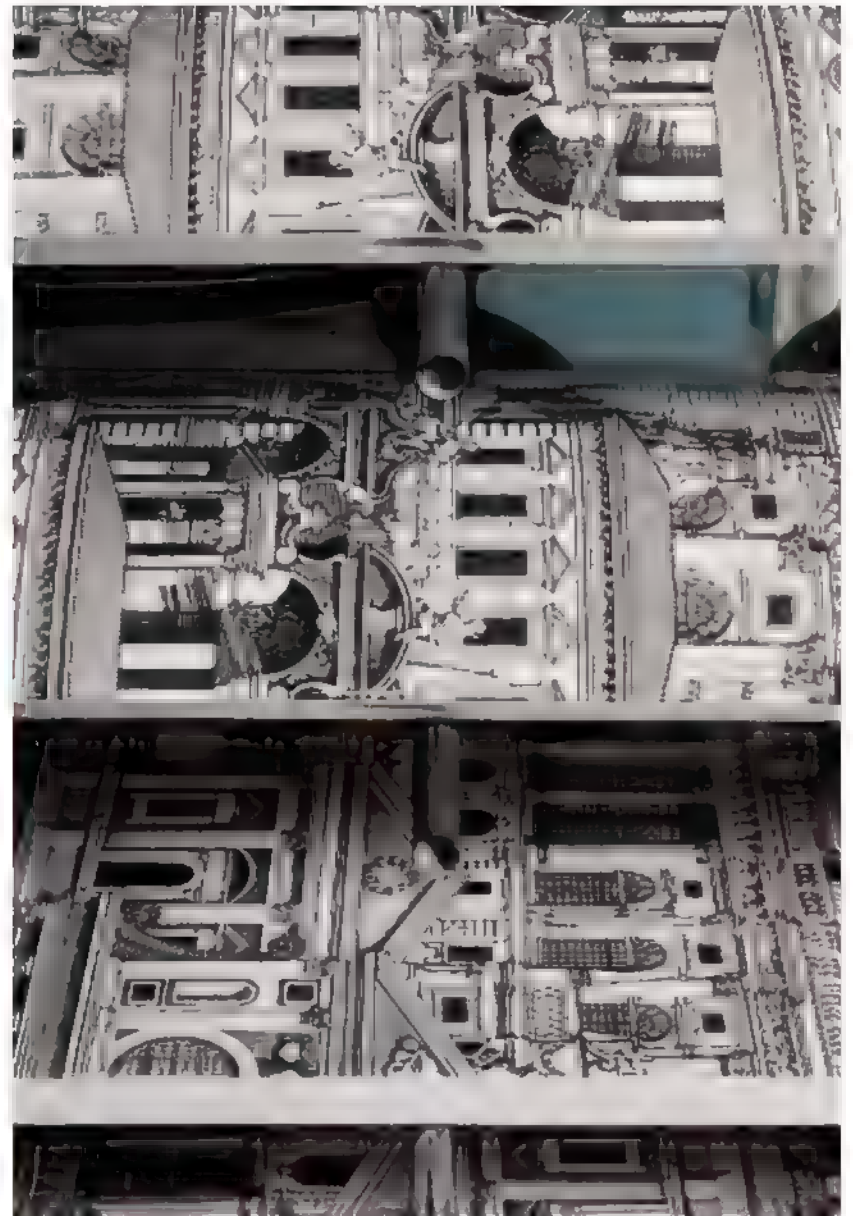
No início do século passado, Crescenzago, na zona norte de Milão, era um refúgio para a burguesia local, que desfrutava das férias ali em elegantes casarões. O esplendor das propriedades, com o passar dos anos, deu espaço a galpões e fábricas que transformaram a região num polo industrial. No número 49 da Via Adriano, uma de suas mais movimentadas, desponta um depósito cuja campainha é adornada pelas palavras “*folia pratica*” (em português, loucura prática). Um portão de ferro salvaguarda a entrada de um laboratório de três ambientes com piso de cimento. O que poucos imaginam é que ali, num espaço de apenas 80 m², conserva-se o arquivo de mais de 3 mil telas de serigrafia criadas por um dos gênios do design italiano: Piero Fornasetti (1913-1988).

Acomodados em estruturas de alumínio, os quadros são matéria-prima para a decoração de porcelanas, móveis, tapetes, papéis de parede e acessórios da renomada Fornasetti, marca que completa agora 85 anos. O forte cheiro de tinta conduz a um reino onírico há mais de três décadas liderado por Barnaba Fornasetti, filho único de Piero.

A “loucura prática” se estende por mais dois ateliês, a poucos passos dali. “Criatividade é liberdade de pensamento e imaginação. Os ateliês são exemplo dessa loucura funcional, onde a imaginação está em perfeita harmonia com a utilidade de cada objeto”, sugere Barnaba. O sucesso internacional da marca é proeza do único herdeiro do designer, convocado pelo pai nos anos 1980 para conter danos financeiros e reestruturar a empresa.

“Sempre tive um relacionamento difícil com meu pai. Quando jovem fui atrás dos meus sonhos, trabalhei como redator e designer de revista, desenhei estampas para tecidos e cheguei até a reformar casas na Toscana”, relembra. O jovem *hippie* e rebelde não só reergueu o império do pai artista como atualizou seu legado nas últimas décadas. Dos poucos funcionários que tinha, a empresa hoje possui 120.

Da casa-ateliê onde cresceu e ainda vive, e onde conviveu com personalidades como os pintores Giorgio de Chirico e Massimo Campigli, Barnaba continua a revirar os mais de 13 mil desenhos de animais, plantas e o célebre rosto da soprano Lina Cavalieri feitos pelo pai. Deles nasce uma produção numerada de reedições e novas versões que estampam toda sorte de itens para a casa. “Pode-se dizer que o meu mérito foi



Acima, as portas laqueadas do aparador Città Che Si Rispecchia;
à esq., uma pilha de pratos recém-saídos do forno pós-queima; e,
abaixo, à esq., a bandeja Giardino Settecentesco. Na pág. anterior,
bandeja Giro di Conchiglie sendo pintada à mão por um dos
profissionais especializados da Fornasetti



“Criatividade é *liberdade de pensamento*. Os ateliês são exemplo dessa *loucura funcional*, onde a imaginação está em harmonia com a utilidade de cada objeto”

BARNABA FORNASETTI



Acima, estrutura da cadeira Sole, pronta para ser pintada à mão – na parede, a cartela de cores; à dir., Barnaba Fornasetti senta sobre a cômoda Don Giovanni – ao fundo, ilustração Gerusalemme, de 1954, aplicada inicialmente como estampa em papéis de parede; e, abaixo, à dir., detalhe da moldura serigrafada usada para imprimir a gravura Giardino Settecentesco, desenhada por Piero Fornasetti nos anos 1950 para um guarda-roupa de sua casa no Lago de Como. Na pág. seguinte, portas do armário Ortensia, com o icônico rosto feminino da marca, sendo preparadas para a montagem



“As *criações de Piero*
não se encaixam
[exatamente] como
design ou arte. São
pura arte decorativa,
se contrapõem à frieza
e *racionalidade do*
design”

BARNABA FORNASETTI





redirecionar os rumos da empresa, respeitando a tradição artesanal e instaurando novas colaborações”, observa o diretor artístico, que não poupa elogios ao pai. “Ele era um artista eclético com uma característica peculiar, possuía uma fantasia criativa irrefreável. Isso, com certeza, fez dele um dos designers mais profícuos do século 20.”

Avesso a tendências, Barnaba acredita que a autenticidade e o reconhecimento da Fornasetti se devem à filosofia do *slow design*, imposta por Piero. Nos laboratórios de produção de móveis circulam não mais do que 30 funcionários, muitos deles com mais de 20 anos de casa. No mezanino luminoso, seis profissionais – grande parte com formação na Academia de Belas Artes de Brera – se revezam em movimentos precisos e atentos para pintar, com cores e tons catalogados, pétalas de flores, escamas de peixes, nuvens, estrelas e leopardos que decoram mesas, cômodas, cadeiras e armários construídos manualmente por uma equipe de marceneiros.

O mesmo cuidado e delicadeza se verificam no laboratório adjacente, destinado às louças de porcelana. Um procedimento manual que requer paciência e acurácia, em que a destreza dos movimentos dos artesãos é fundamental.

“Nossa estética é irônica, captura o olhar de maneira culta e consciente. As figuras são parte de um imaginário alojado no inconsciente coletivo, e que Fornasetti reelaborou dando vida a um universo onírico, denso de imagens e cores”, observa Barnaba, ao explicar o segredo da marca. “Uma das particularidades das criações de Fornasetti é que não se encaixam *[exatamente]* como design ou arte. É pura decoração, ou melhor, arte decorativa. Na minha opinião, é conceitual e emotiva ao mesmo tempo, e se contrapõe à frieza e racionalidade que, muitas vezes, se apresentam nas formas do design.”

Incansável, Barnaba acompanha a criação de novas coleções, participa de todas as colaborações e viaja o planeta divulgando a grife em feiras e eventos. Para o próximo Salão do Móvel, em abril, há já uma lista de lançamentos. “Teremos novidades com a Poltrona Frau, com quem já trabalhamos ano passado, e uma coleção de relógios para casa – mais do que isso não posso contar, para não estragar a surpresa”, brinca ele, que, aos 74 anos, não tem a mínima intenção de se aposentar. “Minha mulher já avisou que tenho de viver até os 100. Afinal, no mundo Fornasetti, o lema é *‘be the one who dreams’*” (em português, “seja aquele que sonha”). ●

design

Telegram @clubederevistas

CABEÇA E CORACÃO

DESIGN DE MÓVEIS, ARTE, MODA E ATÉ O MERCADO EDITORIAL FAZEM PARTE DA
EXITOSA TRAJETÓRIA DE **FAYE TOOGOOD**, DESIGNER DO ANO DA MAISON&OBJET

POR MARIANA CONTE, DE PARIS*





Faye Toogood no ateliê em que deu forma às peças da série limitada *Assemblage 7: Lost and Found*, em exposição na galeria Friedman Benda, em Nova York, até 15 de março. Na pág. anterior, uma das obras desse trabalho, feita com purbeck marble, pedra utilizada na Inglaterra desde os tempos romanos

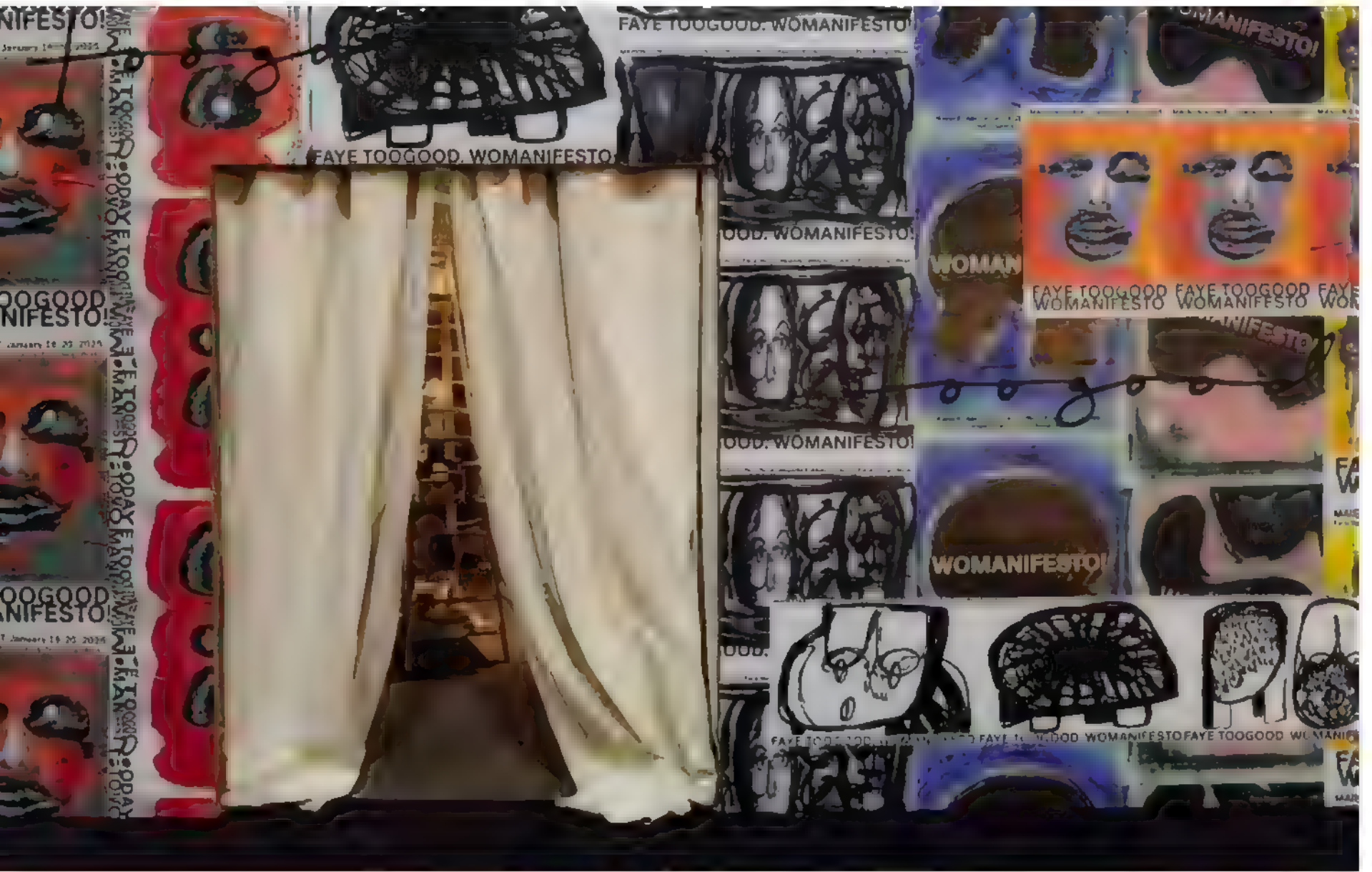
Uma espécie de estante decorada com 20 cabeças feitas de diferentes materiais, como bronze, cerâmica e madeira, sintetiza, de alguma forma, a instalação *Womanifesto*, idealizada por Faye Toogood e sua equipe para a Maison&Objet. “É como se você abrisse o meu cérebro: ele se pareceria com isso. São quatro ambientes dentro do meu inconsciente – algo meio surrealista, que é o tema desta edição –, focando no desenho, na escultura, na paisagem e nos materiais, os pilares do estúdio”, resume. Ao transitar entre esses espaços, a sensação é mesmo de navegar pela mente dessa criativa tentando desvendar algumas de suas referências. Eleita designer do ano da feira que aconteceu em Paris entre os dias 16 e 20 de janeiro, a inglesa afirma que o título talvez a faça finalmente reconhecer a si mesma como designer. Difícil acreditar que, aos 48 anos, tendo criado o próprio estúdio em 2008, ela ainda tenha alguma dúvida sobre a designação.

O questionamento vem, provavelmente, de sua trajetória multidisciplinar, e a sensação de que não cabia em nenhuma das “caixas” preestabelecidas de designer, estilista ou decoradora. Faye cresceu, como ela diz, no meio do nada, no interior da Inglaterra. Sem televisão, mas com muito acesso à cultura e às paisagens naturais. Depois, veio a faculdade de História da Arte, na Universidade de Bristol, e, por oito anos, a atuação como editora de interiores na revista *The World of Interiors*. “Sinto que minha formação em relação ao design veio dali. Nós viajamos muito, lidamos com artes decorativas e isso me alimentou.” Chegou um momento, porém, em que ficou difícil para a cabeça em ebulição de Faye lidar com a bidimensionalidade das páginas de uma publicação impressa. “Eu queria fazer algo tridimensional.” Foi quando criou o estúdio Toogood, na cozinha de sua casa, e, em pouco tempo, começou a idealizar instalações para nomes como o designer Tom Dixon e a multimarcas de moda Dover Street Market. Até que o próprio Tom disse para ela: “Acho que você precisa parar de jogar coisas no lixo e começar a criar projetos permanentes”.

Foi nesse momento que passou a desenhar objetos, alguns deles hoje consagrados no universo do design de móveis, como a poltrona Roly-Poly, best-seller mundial. “Ela é mais conhecida do que eu”, brinca Faye. Colaborações com grandes marcas não param de aparecer – já desenhou para Poltrona Frau, Tacchini, CC-Tapis, Hem, Bitossi e por aí vai. Formas arredondadas, ousadas e, de alguma forma, lúdicas, trazem para a vida real o que habita a fértil imaginação da designer (sim, designer!), que vira e mexe cita os campos ingleses (como aquele onde cresceu) e a conexão com sua criança interior como inspirações para os desenhos.



À esq., poltrona Roly-Poly, de autoria da designer; acima, esboços de Faye; e, no alto, poltrona Puffy, feita em parceria com a Hem. Na pág. seguinte, acima, a entrada da instalação *Womanifesto*, realizada por ela na Maison&Objet; e, abaixo, lá dentro, o espaço que representava o desenho, preenchido com peças assinadas pela profissional, como papel de parede Moors, para a Calico Wallpaper, poltronas Gummy e Roly-Poly – com intervenções feitas à mão –, e luminária Lunar, para a Tacchini



"GRANDE PARTE DO MEU TRABALHO
ESTÁ FOCADA EM CRIAR UM AMBIENTE
'UAU' A PARTIR DE MATERIAIS
COMO **PAPELÃO, FITA E LATA**.
FAYE TOOGOOD



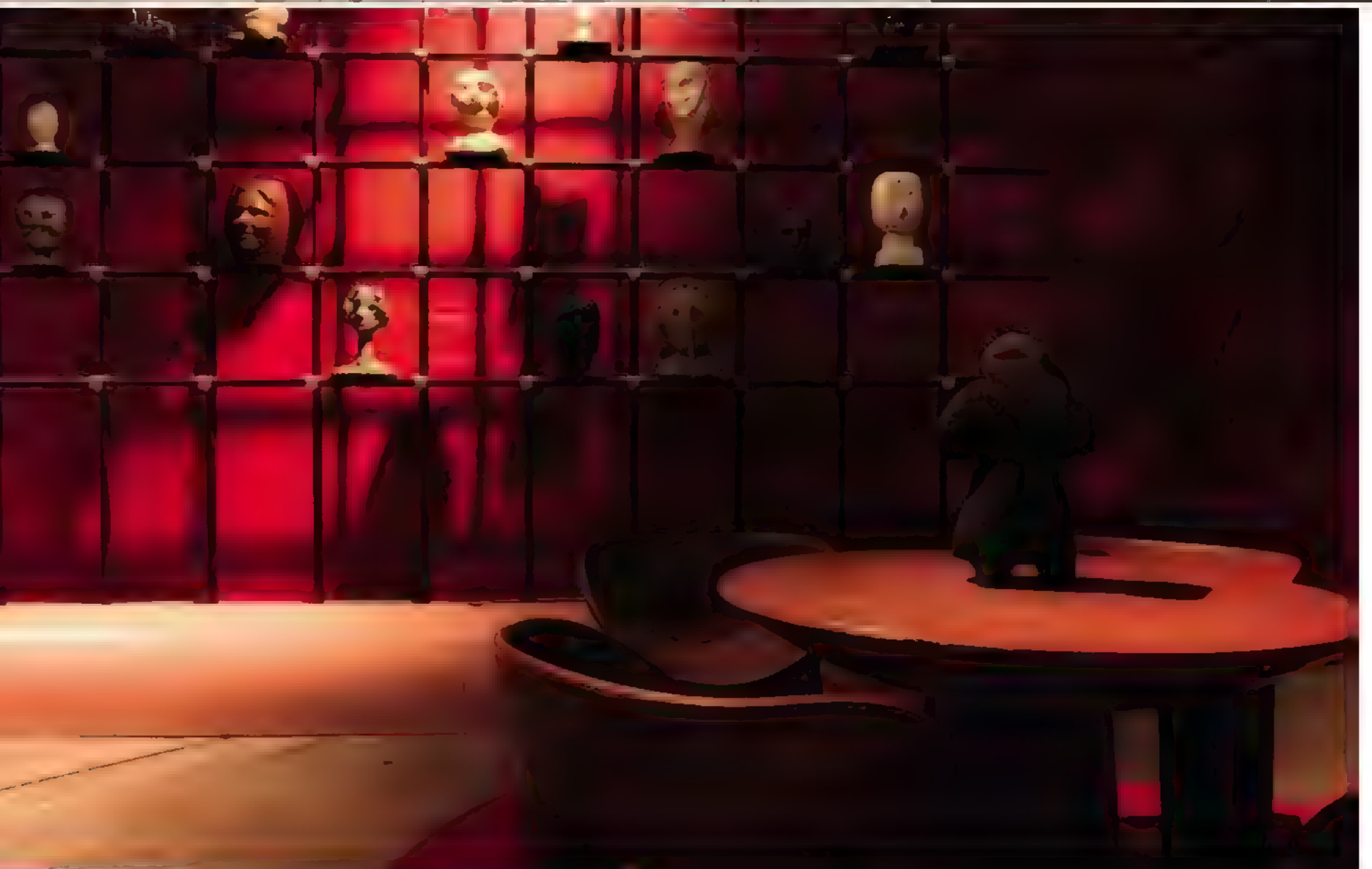
A esq., poltrona Squash, design Faye para a Poltrona Frau; abaixo, duas obras da série *Assemblage 7: Lost and Found* para a Friedman Benda, feitas de carvalho. Na pág. seguinte, acima, espaço dedicado à paisagem na instalação *Womanifesto*, em que Faye idealizou uma floresta de girassóis de papelão, com a poltrona Peace, para a Vaarnii, mesa de centro Palette, sofá e poltrona Gummy; e, abaixo, a área voltada aos materiais, com coleção de cabeças esculpidas em cerâmica, madeira, bronze, fibra de vidro, papel e outros, como autorretratos da autora



Ser mulher também moldou sua prática. “Há 20 anos, quando comecei a trabalhar com design de móveis, havia poucas designers. Houve algumas personagens heroicas realmente importantes que me inspiraram, mas eram, em sua maioria, arquitetas, como Zaha Hadid, Amanda Levete, Paola Navone e Patricia Urquiola.” Então, num ato de rebeldia para os padrões, ela cortou os cabelos e decidiu usar materiais pesados, ditos masculinos, como o aço, removendo todos os aspectos decorativos e as cores de suas criações. “Sentia que essa era a única maneira de ser levada a sério.” Hoje, acredita que as coisas melhoraram, e que é preciso de cada vez mais mulheres desenhando produtos. “Estamos prontos para aceitar que as mulheres têm algo realmente positivo, alegre e corajoso para proporcionar ao mundo do design.” E propõe que as peças sejam pensadas a partir da emoção e da conexão que elas podem oferecer para e entre as pessoas. “Estou entrando na segunda metade da minha vida, e agora sinto que as cores e a decoração podem voltar a fluir no meu trabalho. É isso que eu quis representar nessa instalação.”

A moda é outro pilar importante na carreira. Alguns anos depois de abrir o estúdio, desenvolveu, ao lado da irmã, Erica, esse braço fashion do negócio, marcado por modelagens amplas, formas quase arquitetônicas. Projetar interiores de casas ou espaços comerciais também está na sua área de atuação – multidisciplinar, lembra? E cada vez mais tem se dedicado à produção de edições limitadas, num encontro com a arte e a escultura. Em janeiro inaugurou, em Nova York, a quarta exposição solo na galeria Friedman Benda. *Assemblage 7: Lost and Found* reúne peças de carvalho e purbeck marble (pedra encontrada e utilizada na Inglaterra desde os tempos romanos), marcadas por sulcos no material. “Esse processo de desbastar e moldar parecia uma escavação arqueológica. O bloco era uma paisagem e eu estava encontrando o meu tesouro dentro dele”, reflete sobre as obras, que, apesar do caráter escultórico, carregam em si funcionalidades: armazenar, sentar, apoiar.

Hoje, ela encara essa multidisciplinaridade não como um entrave, mas como o seu superpoder. “Me conecto com as pessoas através dos objetos que crio ou da maneira como visto alguém. É um lugar privilegiado e realmente poderoso para estar.” E enxerga seu trabalho como um barômetro do que está acontecendo no mundo, tanto o interior, pessoal, quanto o universo lá fora. O que mais pode sair da cabeça de Faye? Ela comenta que tem pensado muito em atuar em espaços públicos. “Adoraria desenhar um playground.” Se o desejo se realizar, quem sabe seja um indício de que estaremos mais aptos a estar no mundo como uma criança, sempre prontos a brincar. Tomara! ●



design

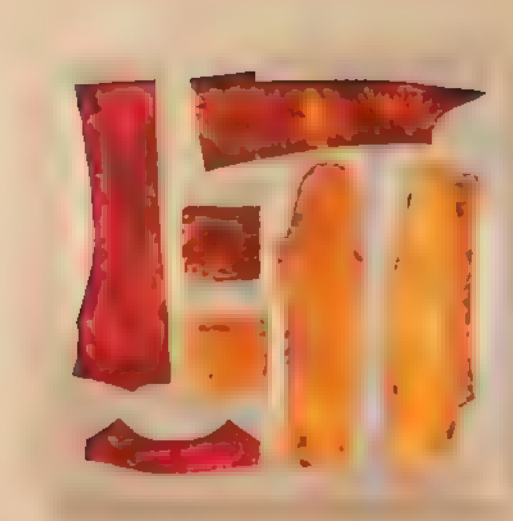
Telegram @clubederevistas

NATUREZA TÁTIL

EM LONDRES, **LEWIS KEMMENOE**
PRODUZ ARTESANALMENTE
MÓVEIS E OBJETOS COM
SUPERFÍCIES CONTRASTANTES.
SEU TRABALHO, BASEADO NA
EXPERIMENTAÇÃO DE MATERIAIS,
ACABA DE RENDER UMA
COLABORAÇÃO COM A FENDI

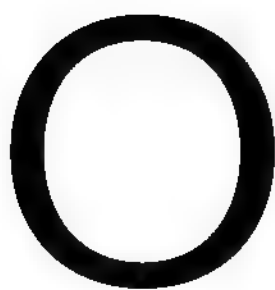
TEXTO LÚCIA GUROVITZ, DE MIAMI*





A coleção Aenigma, lançada na Design Miami, reúne, entre outras peças, poltrona com patchwork de madeiras inspirado no padrão de um casaco da Fendi, painéis luminosos de alumínio e folha de madeira, armário com incrustações de alabastro, versão do designer para a bolsa Peekaboo, vasos de alabastro e mesa de centro

"MEUS PROJETOS SEMPRE COMEÇAM COM UM **DESENHO FEITO À MÃO**. AS IRREGULARIDADES DO TRAÇO SÃO MAIS FIÉIS AOS **MATERIAIS ORGÂNICOS** DO QUE UMA IMAGEM 3D" LEWIS KEMMENOE



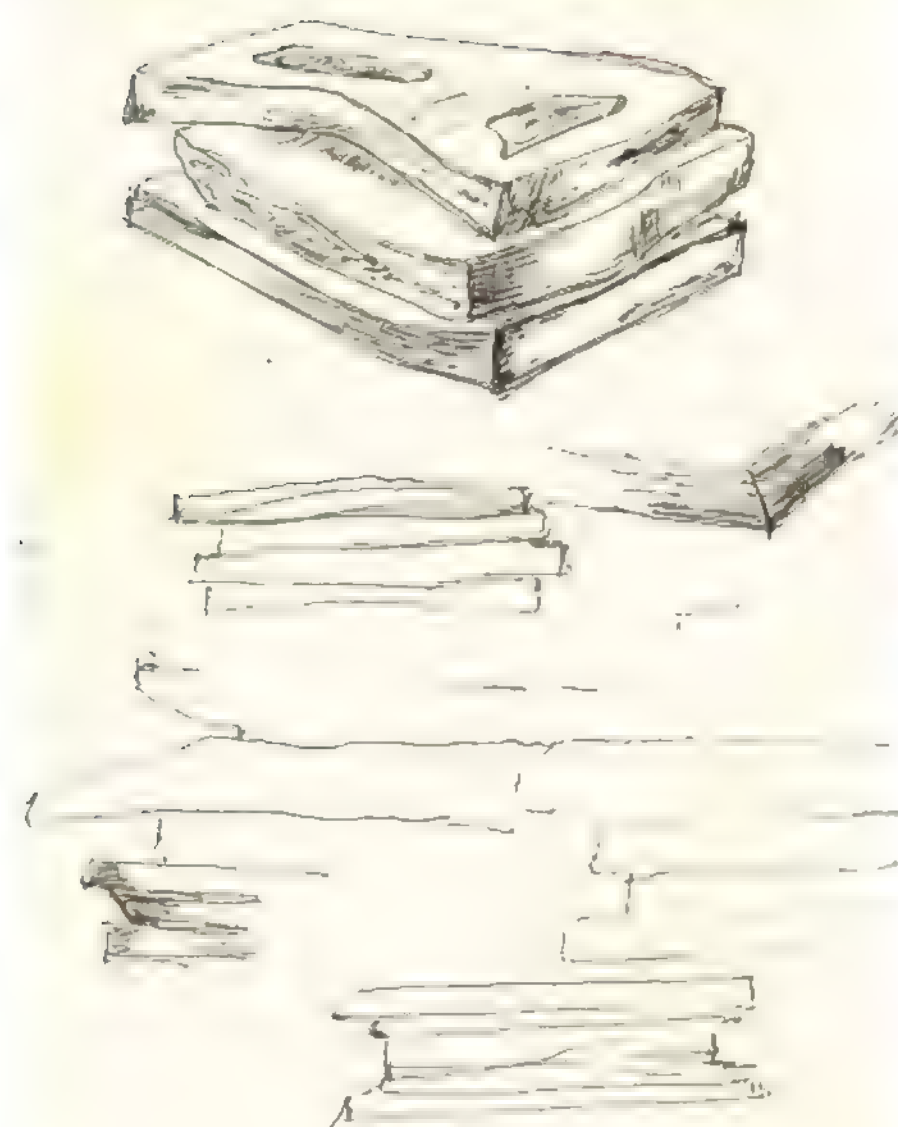
O trabalho de Lewis Kemmenoe é guiado pelos materiais e marcado por dualidades: os móveis do designer combinam superfícies orgânicas e industriais, e propiciam sensações contrastantes de quente e frio, áspero e liso, duro e macio. "Essas características

anteriormente andavam separadas. Eu fazia uma cadeira de madeira ou um armário de metal. Com o tempo, passei a sugerir uma conversa entre materiais distintos no mesmo objeto", afirma. "Acho a dissonância interessante porque, para que dois elementos coexistam, há um equilíbrio a ser atingido." Na coleção Aenigma ("enigma", traduzido do latim), projetada em colaboração com a Fendi e apresentada em dezembro na Design Miami, Lewis acrescentou o alabastro – ora polido, ora rugoso – à sua cartela de possibilidades. O desejo de usar o mineral surgiu durante uma viagem a Roma, na qual o britânico conheceu a sede da *maison*, no Palazzo della Civiltà Italiana, e percorreu um roteiro investigativo pelas atrações históricas da cidade. "Percebi que a pedra reflete a atmosfera local, pois está em toda parte. Basta pensar nas inúmeras estátuas romanas", diz. O objetivo da pesquisa era entender a essência da Fendi e incorporar códigos da marca ao resultado da *collab*. "Embora concebido pela minha perspectiva, o mobiliário precisava ser coeso com a identidade da empresa", detalha.

Com a parceria, Lewis entra para o restrito grupo de talentos em ascensão que idealizaram um projeto especial para a Design Miami a convite da grife. Em edições passadas da feira, nomes como o belga Maarten De Ceulaer (2012), o duo italiano Dimorestudio (2014), a italiana Cristina Celestino (2016), a holandesa Sabine Marcelis (2018) e o botsuanês Peter Mabeo (2021) ganharam destaque na mostra de design colecionável, realizada em Miami Beach, sob os auspícios da marca. "Não há uma regra a respeito de como escolhemos o designer que irá colaborar conosco. Buscamos afinidade. No caso de Lewis, fiquei encantada com as incrustações de materiais. Lembram o modo como

nossos artesãos manuseiam o couro", declara Silvia Venturini Fendi, diretora criativa de moda masculina e acessórios da empresa fundada por seus avós maternos em 1925. Além de visitar os escritórios, o britânico pediu para conhecer a fábrica em Florença. "Ele se mostrou mais interessado no processo de confecção do que nos produtos acabados", revela Silvia. Isso porque a execução é uma etapa crucial no nascimento dos móveis assinados por Lewis. Assim como um escultor da Roma antiga, o designer produz cada peça com as próprias mãos. "Meu ateliê, em Londres, é pequeno. Faço tudo sozinho, auxiliado por ferramentas manuais e elétricas", explica. Formado em artes plásticas pela Central Saint Martins e pós-graduado em design pelo Royal College of Art, ele buscou no segundo curso o aspecto prático de que sentia falta na abordagem abstrata do primeiro. "Funcionalidade é muito importante para mim: ela estrutura o conceito das peças. Mas a natureza tátil sempre vem em primeiro lugar e define as peculiaridades do móvel."

Na série Aenigma, a premissa de atrair o tato fica evidente nas inserções de alabastro no corpo do armário e no patchwork de madeiras que envolve a poltrona – o desenho formado pelas diferentes colorações foi inspirado no padrão de um casaco da *maison*. A referência ao item de vestuário permeia os demais artigos, incluindo a versão do designer para a bolsa Peekaboo, criada por Silvia Venturini Fendi em 2008 (ela também é autora de outro acessório clássico da marca, a Baguette, de 1997). "Querida que a Peekaboo sintetizasse toda a coleção. Por fora, ela é feita de couro recortado na mesma padronagem do casaco. As ferragens e os componentes internos de madeira remetem à materialidade da poltrona", afirma Lewis. Segundo ele, há uma semelhança entre moda e mobiliário: ambos são extensões da personalidade dos usuários. A Fendi explora esse cruzamento desde 1987, quando surgiu a linha Fendi Casa. Em 2008, a empresa se tornou patrocinadora da Design Miami e, de lá para cá, destina seu estande à revelação de um novo profissional. "Somos pioneiros entre as marcas *fashion* que expandiram para o segmento de interiores. Isso nos dá legitimidade", arremata Silvia. ●



Em sentido horário, a partir da foto acima: releitura da bolsa Peekaboo feita por Lewis incorpora a ideia de patchwork; rascunhos iniciais da mesa de centro mostram opções de formato para o tampo lapidado da peça; luminária de piso, com base de bronze, evidencia a beleza da folha de madeira retroiluminada; e Lewis Kemmenoe na Design Miami, durante o lançamento da coleção Aenigma

Cenário mais importante do filme, o centro comunitário condensa o antes e depois da vida do protagonista – a equipe de arte construiu partes do edifício para conseguir gravar as cenas

CINEMA CONCRETO

DESTAQUE NAS PREMIAÇÕES
INTERNACIONAIS, O
FILME **O BRUTALISTA** DÁ À
ARQUITETURA UM
PROTAGONISMO POUCAS
VEZES VISTO EM HOLLYWOOD

TEXTO PAULA JACOB

É RARO O TEMA DA ARQUITETURA GANHAR A ATENÇÃO de Hollywood como acontece em *O Brutalista*, filme do diretor Brady Corbet cuja estreia em telas brasileiras acontece dia 20 de fevereiro, e que tem angariado comoção e prêmios entre quem já o assistiu – além de 10 indicações ao Oscar. Há razões para tanto.

Todas as cenas do longa-metragem conduzem a um estado de contemplação. Não só pela escolha de gravar em Vista Vision, técnica de cinematografia *widescreen* de 35 mm popularizada nos anos 1950, mas também pelos cenários que acompanham as imagens quase oníricas do drama. No centro do enredo está László Tóth (interpretado pelo ator Adrien Brody), arquiteto que foge da Europa na Segunda Guerra para buscar um novo começo nos Estados Unidos. Após ter sido separado de sua esposa, Erzsébet (Felicity Jones), levada a um campo de concentração, ele precisa encontrar forças para dar vazão à sua criatividade inerente. Parece uma história real, mas não é. Tampouco é um filme a respeito do estilo brutalista, como o título pode sugerir. Para o diretor, trata-se mais de poder explorar as hipocrisias do “sonho americano” por meio da arquitetura.

A inspiração para o roteiro, assinado em colaboração com Mona Fastvold, veio dos livros *Marcel Breuer and a Committee of 12 Plan a Church* (2011), de Hilary Thimmesh, e *Architecture in Uniform: Designing and Building for the Second World War* (2011), de Jean-Louis Cohen. “Fiquei fascinado com a fetichização e a romantização dos ideais dos anos 1950, um período claramente opressor na história americana. Me fez pensar sobre o quanto as pessoas na época precisavam reprimir as emoções”, conta o cineasta em entrevista exclusiva à *Casa Vogue*. “O filme fala desse homem que tem dificuldade em se expressar verbalmente, então faz isso por meio do seu trabalho, algo comum entre os artistas.”

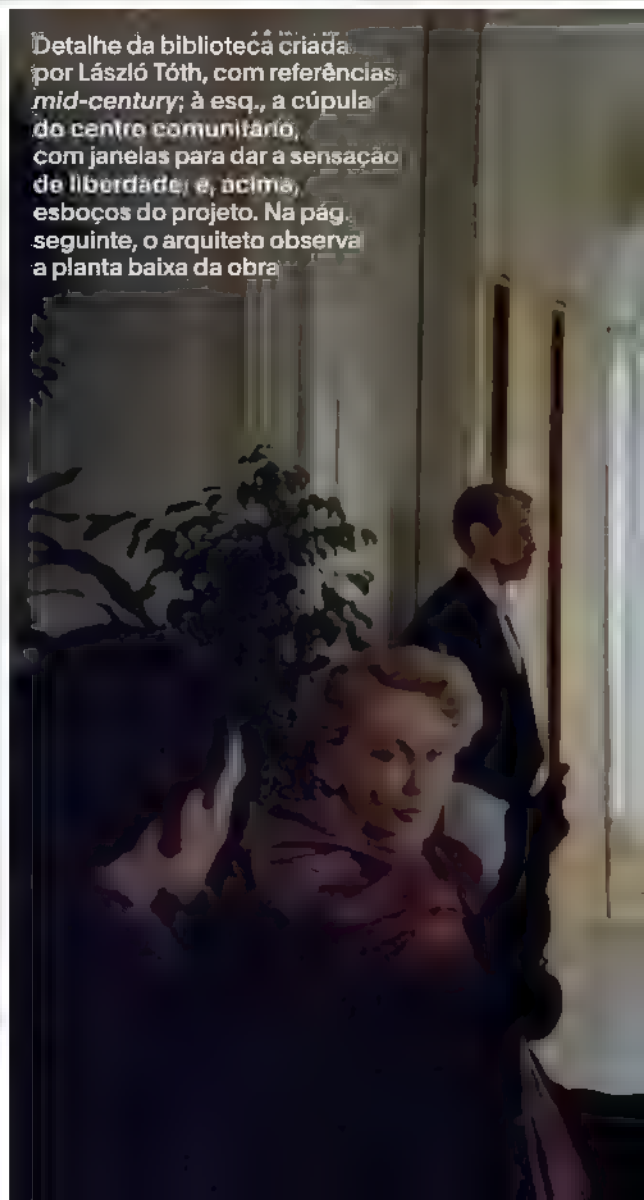
Na trama, dois personagens marcam a nova vida de László. O primeiro é seu primo Attila (Alessandro Nivola), também

imigrante húngaro, que possui uma loja de móveis de estilo colonial revivalista. Ali, o arquiteto já propõe mudanças a partir de conceitos modernistas, a fim de atualizar as referências do negócio familiar. As peças antigas que compõem a cenografia foram enviadas dos Estados Unidos e Canadá para a Hungria, onde as gravações aconteceram, mas as criações do protagonista foram desenvolvidas pela designer de produção Judy Becker, por razões que incluem questões de direitos autorais. Entre as suas referências principais, estão os itens de aço tubular curvo de Marcel Breuer. “Como a equipe focou os gastos maiores na direção de fotografia, precisei trabalhar com um orçamento restrito. A sorte é que eu já tinha feito outras produções dessa fase e conhecia muito bem o estilo”, conta.

Os desafios do time de arte só aumentaram conforme o desenrolar da produção. O próximo passo era construir a biblioteca do rico industrial Harrison Lee Van Buren (Guy Pearce) – o outro personagem crucial na vida de László –, encomendada como um presente-surpresa pelos filhos. A mansão foi imaginada dentro de uma construção do começo do séc. 20, a duas horas de Budapeste. O design com perfume art déco, marcado por cortinas vermelhas, deu espaço a um deslumbrante recanto de leitura, com estantes de madeira do chão ao teto. No centro do cômodo, Judy desenhou um divã também de aço tubular, revestido por tramas de couro, com um apoio minimalista para os livros. A cena em movimento é um dos pontos altos do visual do filme. “No roteiro, a descrição desse cenário era como uma flor que se abria no ambiente. Não foi possível fazer exatamente como Brady havia imaginado, por motivos técnicos, mas chegamos a



Detalhe da biblioteca criada por László Tóth, com referências *mid-century*; à esq., a cúpula do centro comunitário, com janelas para dar a sensação de liberdade; e, acima, esboços do projeto. Na página seguinte, o arquiteto observa a planta baixa da obra





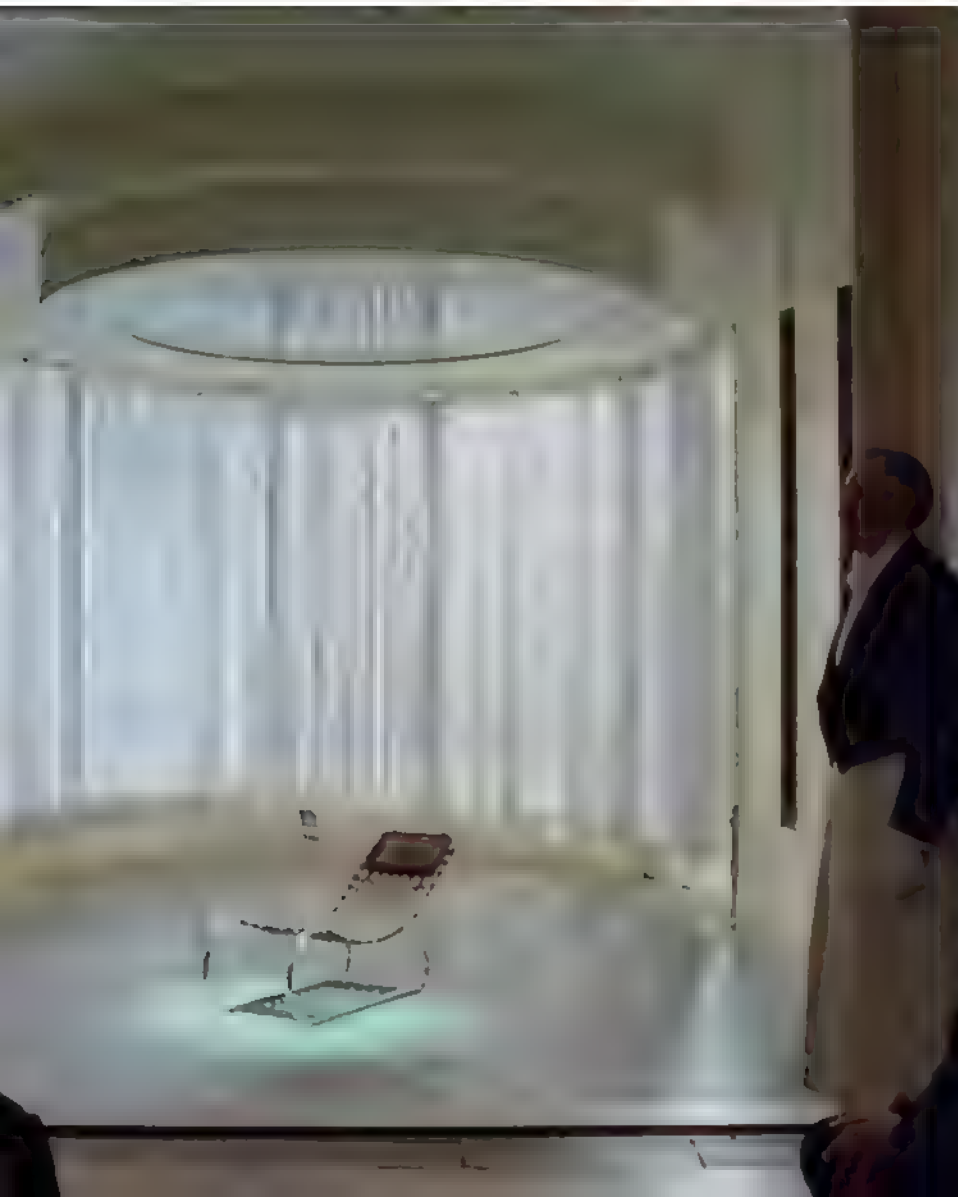
"PENSEI O **PERSONAGEM PRINCIPAL** COMO UMA JUNÇÃO DE TANTOS **ARQUITETOS ICÔNICOS**"

BRADY CORBET, DIRETOR

uma alternativa que surpreendeu todos no set", diz a designer de produção.

A partir do resultado, Van Buren entra em contato com László Tóth para encomendar-lhe algo mais impactante: o projeto de um centro comunitário de vocação cultural e religiosa na Pensilvânia. "Brady tinha descrito o edifício no roteiro como algo que refletisse a experiência da família de László nos campos de concentração, mas que também trouxesse uma ideia de liberdade. Além das construções do Holocausto, pesquisei a fundo outras referências, como o Salk Institute, de Louis Kahn, o Johnson Wax Building, de Frank Lloyd Wright, e os Skyspaces, de James Turrell", diz Judy. Com tudo isso em mãos, veio à tona uma construção de dimensões impactantes, que contrastam com a fragilidade do protagonista, em uma metáfora sobre poder e memória. "Pensei bastante na experiência de quem visitaria esse lugar, começando no subterrâneo, com a sensação de aprisionamento, passando para os pisos superiores, com pequenas janelas no topo das paredes, dando esse sentimento de liberdade."

Somada às inspirações citadas, Brady Corbet ainda incluiu na lista Le Corbusier, Walter Gropius, Peter Zumthor, Tadao Ando e Paul Rudolph. "O filme precisava ser composto de projetos autorais, mas que, de alguma forma, também fossem uma amálgama do trabalho de todos esses artistas. É como eu pensei o personagem principal, uma junção de tantos arquitetos icônicos", conta o diretor. *O Brutalista*, portanto, presta pela via do cinema um tributo a uma das mais antigas atividades humanas, "um corpo concreto no qual as formas, os volumes e os espaços ganham vida", como Zumthor define a arquitetura no texto *The Hard Core of Beauty* (1991). Para sentir e admirar no todo e, também, em partes. ●



Telegram @clubederevistas

VOGUE
BRASIL
ESPM

Apresentam

O CURSO
**Marketing
& Branding
de Luxo**

17 A 27 DE MARÇO



Inscreva-se em: www.espm.com.br
ou aponte a câmera do seu celular
para o QRCode abaixo



UNIVERSO CASA



Foto desta e do apartamento de Marie O'sson Nylander mostrado a partir da pág. 54

A criatividade é um dom ou algo que se constrói e conquista?
Nas histórias a seguir, é em casa que se descobre. Em **Salvador, Pequim, Milão, Sintra** e na pequena **Helsingborg**, na Suécia, personagens de diferentes ofícios têm suas **moradas como telas em branco**, onde pintam, em cores vivas, quem realmente são

Telegram @clubederevistas

TERRI TÓRIO ABERTO

RELÍQUIAS MODERNISTAS E OBRAS DE ARTISTAS LOCAIS

PREENCHEM O SOBRADO DO COMUNICADOR **PEDRO TOURINHO**,
COM INTERVENÇÕES DE **DANIEL JORGE**,
NO CENTRO HISTÓRICO DE **SALVADOR**

TEXTO VANESSA D'AMARO **FOTOS** FILIPPO BAMBERGH.

À dir., bancos e mesa de alvenaria
desenhados por Daniel Jorge ocupam o
terraço, acompanhados da chaise Loop,
design Willy Guhl para a Eternit –
ao fundo, vista do Convento do Carmo

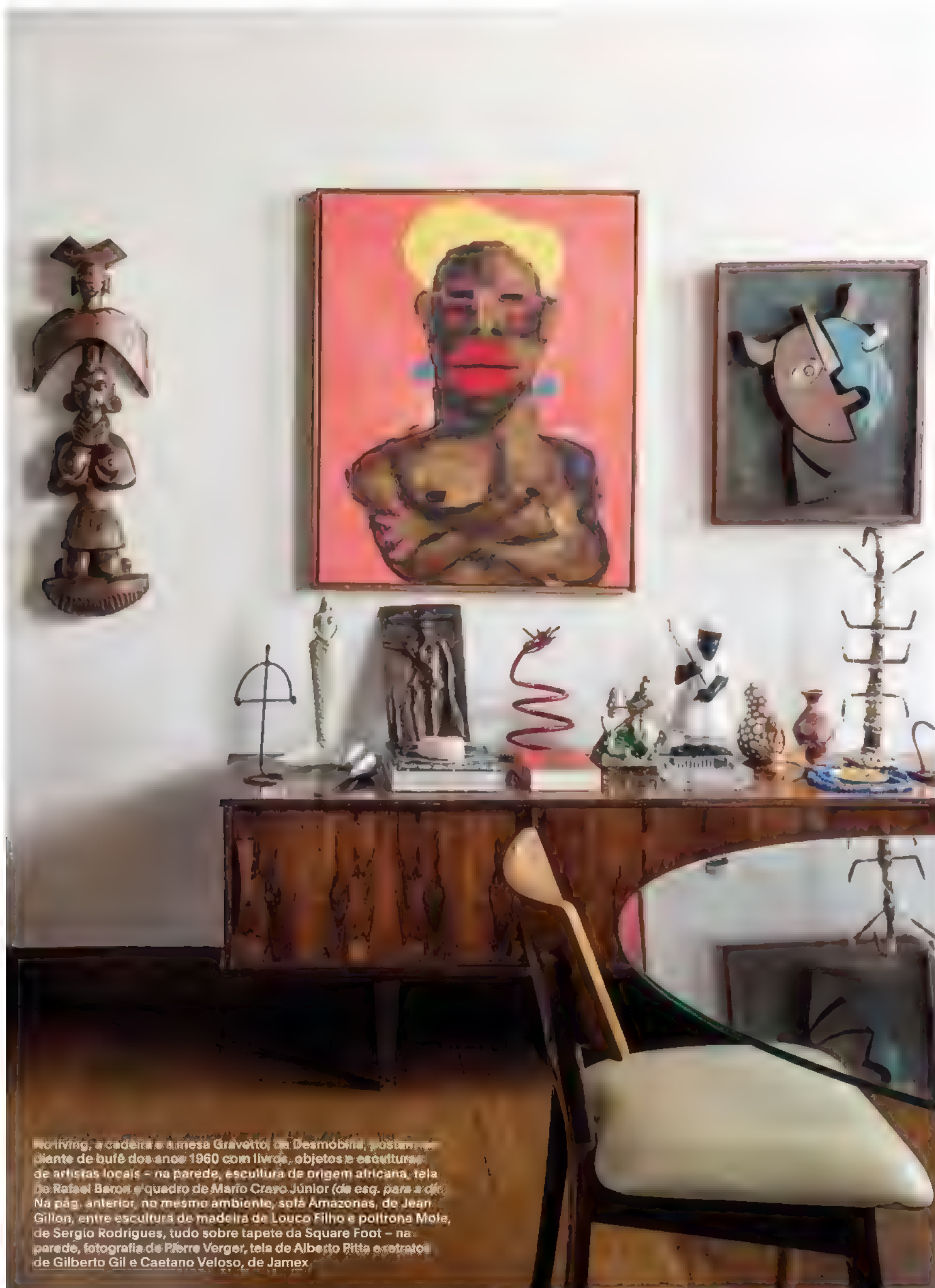




Telegram @clubederevistas

"ESTA CASA REPRESENTA A MINHA **JORNADA** ATÉ AQUI.
MEUS **LIVROS** ESTÃO AQUI. MEUS **ESTUDOS** ESTÃO
AQUI. MUITOS DESTES MÓVEIS ERAM DOS MEUS AVÓS,
E EU OS **RESTAUREI**" PEDRO TOURINHO





Em outra sala de estar, um par de poltronas Killin, de Sergio Rodrigues, faz companhia à mesa de centro vintage garimpada, sob luminárias desenhadas por Daniel Jorge para destacar as obras de arte: quadros de Rafael Baron e Aurelino dos Santos, escultura de Rebeca Carapiá, fotografia de Ayrson Heráclito, quadro de Carybé e escultura de Mestre Didi (da esq. para a dir.). Na pág. seguinte, Pedro Tourinho posa na poltrona Amazonas, de Jean Gillon, em frente à tela de Vik Muniz e ao sofá Pan Am, design Arthur Casas para a +55 Design.





Desde que se mudou para este sobrado na região de Santo Antônio Além do Carmo, no Centro Histórico de Salvador, o comunicólogo Pedro Tourinho está sempre trocando as coisas de lugar. “Gosto de mexer principalmente nas obras de arte. Para mim, a casa é um projeto vivo e contínuo. Provavelmente, quando a revista estiver nas bancas, vai estar um pouco diferente das fotos”, brinca. É difícil mesmo acreditar que exista alguma rigidez no seu jeito de morar. Com uma trajetória profissional marcada pelo movimento constante, pela bravura das novas ideias e pela personalidade expansiva, parece natural que o lar de Tourinho esteja sempre em transformação.

Nascido e criado na capital baiana, já viveu alguns anos em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Los Angeles. Dono de um percurso eclético, ele transita, como poucos, entre a cultura, o entretenimento, o empreendedorismo e o setor público. Começou na internet e escreveu livros sobre o universo digital. Dirigiu o programa *Legendários*, na Record, com Marcos Mion, e fundou duas empresas de sucesso: a Map Brasil, dedicada ao gerenciamento de talentos como Astrid Fontenelle, Bruno Gagliasso e Chay Suede; e a agência de relações públicas Soko. No início de 2023, mudou de rumo e, de repente, assumiu a Secretaria de Cultura e Turismo de Salvador, cargo que deixou no início de 2025. “Meu plano sempre foi dedicar dois anos da minha vida à minha cidade.”

Seu endereço atual é, inclusive, fruto dessa última empreitada. Pensado inicialmente para ser um imóvel de veraneio, o sobrado tombado, perto do Pelourinho, se tornou residência fixa em 2023, após um longo processo de restauro e reforma com projeto dos arquitetos Heloisa Penido e Heron Valladares. Na hora de compor os interiores, Pedro pensou imediatamente no amigo e artista plástico Daniel Jorge. “Nos conhecemos em uma das minhas primeiras vindas a Salvador, sentados numa mesa de bar, enquanto baianos e cariocas discutiam a origem do samba”, relembra Daniel, mineiro, que transitou a vida toda entre o Rio e a Bahia.

Telegram @clubederevistas

A amizade, nascida dessas conversas sobre arte e música, se tornou logo um relacionamento profissional. Daniel desenvolveu *in loco*, com pedra-sabão, palha e cabaças, a escultura *Grão Mestre*, com 13 m de altura, para o vão da escada na casa do amigo. A obra nasceu da vivência dos dois com o candomblé, e tem inspiração na tradição iorubá, aludindo à ligação de Orum (mundo espiritual) e Ayê (mundo físico). “A ideia central é que ela funcione como um amuleto, uma bandeira fixada no território, que é o Centro Histórico de Salvador”, explica o artista.

Não parou por aí: Daniel, que se transferiu definitivamente para solo soteropolitano durante esse trabalho, desenhou outros itens exclusivos para a casa de Pedro. Dos ladrilhos aos interruptores, passando pelos armários planejados da cozinha e do banheiro, tudo leva a sua assinatura, assim como a cadeira Tourinho, desenvolvida primeiro para a casa de Pedro e, posteriormente, produzida industrialmente pela +55 Design – excelentes adições à coleção de design do morador, que já tinha peças de Jean Gillon, Jorge Zalsupin, Sergio Rodrigues e Geraldo de Barros. “Esta casa representa a minha jornada até aqui. Meus livros estão aqui, meus estudos estão aqui. Muitos destes móveis eram dos meus avós, e eu os restaurei. Tenho quadros e fotografias do meu babalorixá, da minha avó de santo...”, acrescenta Pedro.

Na área social, apesar de obras de artistas locais predominarem, o proprietário acomodou a tela de um dos vizinhos paulistas ali do Carmo: o artista plástico Vik Muniz. A tela fica justamente no espaço onde Pedro e seu noivo, Kevin David, costumam receber criativos e amigos, incluindo as outras vizinhas, Regina Casé e Fernanda Paes Leme. Às vezes, vem até gente de longe: a atriz americana Viola Davis, em visita a Salvador, também passou por ali.

Sempre ao som de Gal Costa, Luedji Luna e da Orkestra Rumpilezz, a morada se tornou um ponto de encontro marcado por um jeito leve e desembaraçado de encarar a vida – o que só a Bahia é capaz de proporcionar. “Para mim, a identidade fortalece a criatividade. E é importante carregar a nossa cultura como identidade. Um povo que tem identidade não tem medo do diferente. A cultura de Salvador nos dá essa potência, sabe? Isso me fortalece criativamente e como indivíduo”, resume o baiano, orgulhosíssimo de suas origens. ●





Para o vão da escada, Daniel Jorge desenvolveu a escultura *Grão Mestre*, com 13 m, de pedra-sabão, palha e cabaças. Na pág. anterior, à esq., a sala de jantar exibe cadeiras Tourinho, criadas por Daniel Jorge, em homenagem ao dono da casa, para a +55 Design, ao redor de mesa concebida pelo próprio Pedro – ao fundo, o armário tem autoria de Daniel Jorge; e, à dir., na cozinha, marcenaria projetada por Daniel Jorge e executada pela Casa Brasileira Salvador – a coifa é da Tuboar e as cadeiras, frutos de garimpo

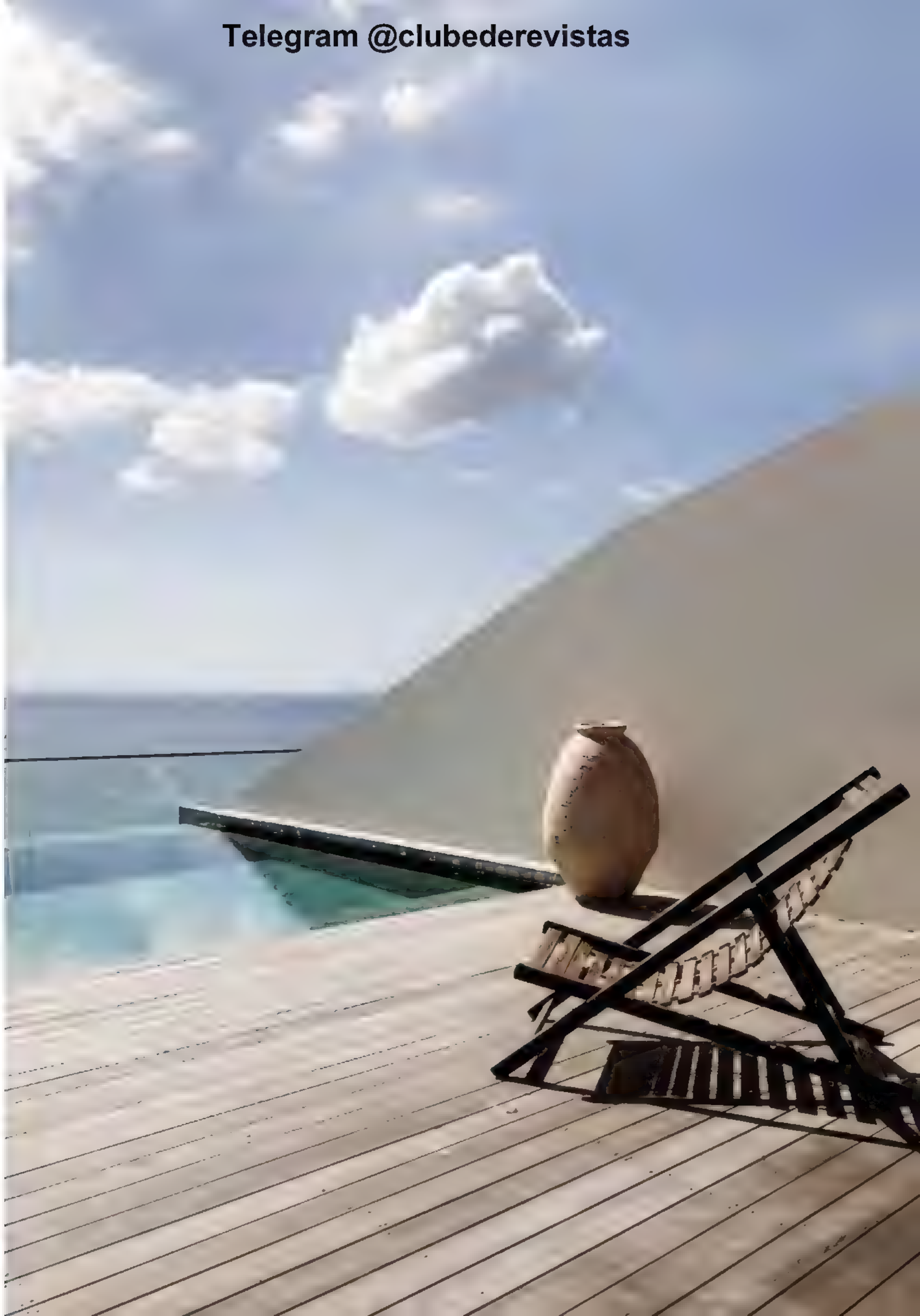
Abaixo, o banheiro da suíte ganhou armário, espelho e luminárias criadas por Daniel Jorge; e, à dir., na suíte, a cama, a cabeceira e as mesas auxiliares também são de Daniel Jorge – na parede, fotografia de Mario Cravo Neto. Na pág. seguinte, avista-se, de outro terraço, esse com piscina, a Baía de Todos-os-Santos



“VIVER NO **CENTRO HISTÓRICO** FAZ COM QUE A GENTE ENXERGUE A CIDADE COM OUTRA PERSPECTIVA. MUITO MAIS LIGADA À **CULTURA** E À **POPULAÇÃO NEGRA DE SALVADOR**, QUE É QUEM HABITA ESTA ÁREA”

PEDRO TOURINHO

Telegram @clubederevistas



ESTETA EASTUOTA

Um apartamento sucoo do séc. 19 é restaurado por sua nova e espirituosa moradora, Marie Olsson Nylander, sem perder o charme centenário

TEXTO BENEDETTA ROSSI FOTOS MONICA SPEZIA/LIVING INSIDE





O canto do living é composto por poltrona e luminária vintage italianas e tapete de lã desenhado pela moradora, Marie Olsson, para a Ellos. Na pág. anterior, detalhe do mesmo ambiente mostra fragmento de obra de arte chinesa do final do séc. 18.





reunido
ângulo
sala exibe sofá Cloud, de
Keith, e luminária de piso
E83-335, de Isamu Noguchi

“B

em-vindos a Helsingborg, pequena cidade no sul da Suécia, pertíssimo da Dinamarca. É aqui onde vivo com meu marido, William, nossos filhos, Vidar, Otto, Ingrid e Solveig, e Bosse, nosso mascote sharpei.” Quem fala é Marie Olsson Nylander, uma mulher fora do comum: decoradora de interiores autodidata (mas qualquer rótulo a incomoda), escritora, colecionadora, stylist, podcaster, antiquária e anticlichê. Um espírito livre que coleciona raridades. Uma criativa versátil, apaixonada por paletas de cores, pela suavidade dos tecidos, pelas páginas ainda por escrever. Define seu estilo como *boho-wild*, e talvez não haja melhor descrição para essa mistura autêntica de objetos confortáveis, matizes esmaecidos e joias vintage, certificados de sua personalidade esteta e alegre, refletida no seu novo apartamento, situado em um edifício de 1884 de arquitetura art nouveau. “Não é tão diferente das minhas outras casas, mas nunca morei em um lugar tão lindo como este.”

A morada é a sua criação mais recente, mas há também o podcast que edita com a irmã, o livro que escreveu durante uma doença grave enquanto se divorciava, tudo ao mesmo tempo. Depois de curada, casou-se novamente com o mesmo marido e foi mãe pela quarta vez, porque ela é assim: incansável. “A criatividade mora constantemente na minha cabeça, o tempo todo. A verdade é que eu gostaria de ter 30 apartamentos para poder mobiliá-los. Vejo um móvel e, de repente, imagino um ambiente, até mesmo uma casa inteira onde ele se encaixaria. E sou rápida: sei na hora o que vestir, o que fazer... Se não souber, não devo estar tão interessada.”

À dir., no quarto, espelho no armário reflete par de poltronas vintage; e, no alto, avista-se do corredor a antessala que leva ao dormitório, com retrato da moradora, espelho veneziano e lustre de madrepérola garimpado. Na pág. seguinte, Marie Olsson, de look Dries Van Noten e sapatos Magda Butrym, repousa na poltrona antiga enquanto contempla a vista da cidade através da janela do seu quarto









“Adoro fazer coisas novas a partir de *itens antigos* – todas as peças que acho bonitas, *atraentes* e que merecem uma *segunda chance*” MARIE OLSSON

Marie se atrai mais por rachaduras nas paredes do que por superfícies perfeitas, e nas lacunas da vida encontra seu senso de beleza. “Meu estilo é ‘meu’, difícil de descrever, mas se tivesse que listar alguns dos meus pilares, eis aqui: escolho peças únicas e arranjos cênicos. Se preciso de uma almofada, prefiro fazê-la a comprá-la.” Sua linguagem está perfeitamente impressa nesses interiores belos e ecléticos, com grandes volumes e uma divisão de espaço típica do final do séc. 19, onde Marie montou o seu “cenário de felicidade”.

As paredes foram deixadas deliberadamente degradadas; outras, pintadas como obras de arte, a exemplo do mural no living, desenhado pela finlandesa Mirja Ilkka. Os móveis são garimpos ou objetos de design *cult*, sempre carregados de conforto, como mostram os tapetes superpeludos e as cadeiras aconchegantes. “Fiz alguns pufes de mármore Patagônia para sentar à mesa de jantar. Falta ainda revesti-los com um tecido vintage dos anos 1970. Adoro fazer coisas novas a partir de itens antigos – todas as peças que acho bonitas, atraentes e que merecem uma segunda chance.”

Há também, é claro, a essência da própria residência, pela qual Marie se apaixonou à primeira vista. “As janelas, a entrada, as partes abobadadas com a varanda e todas as sensações que a casa emana me encantaram imediatamente”, lembra, empolgada. “Este lugar era meu destino. Procurei durante um ano um imóvel no centro da cidade. Conhecia o proprietário e enviei um e-mail perguntando se havia algo disponível. Tivemos sorte, pois, no dia anterior, o apartamento havia vagado. Sinal de que era para ser nosso.” ●



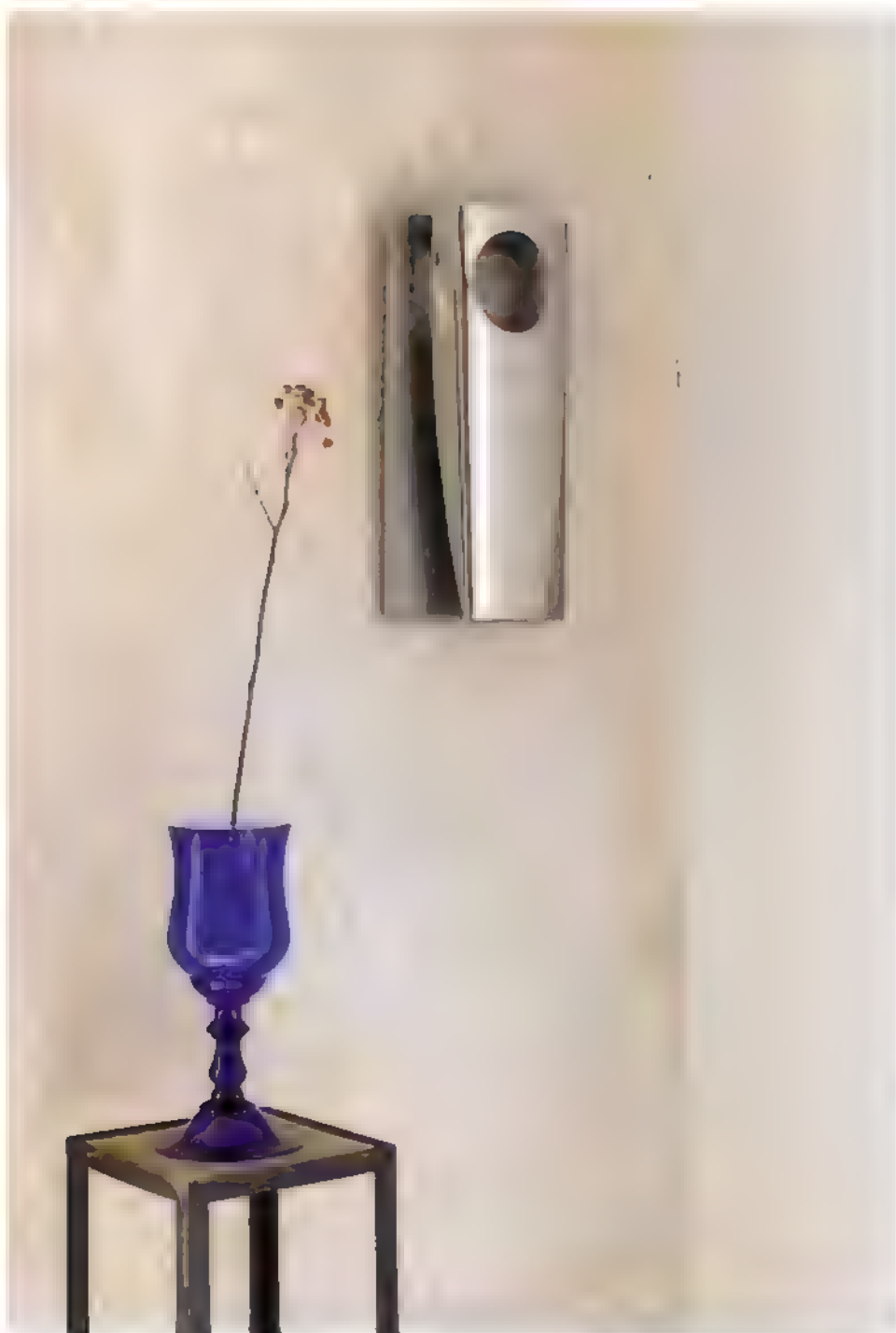
A esq., no escritório, Marie Olsson trabalha entre suas criações; e, no alto, na cozinha, armários da Ikea, mesa e cadeiras Tulipa, de Eero Saarinen, tapete desenhado pela dona da casa para a Ellos, azulejos da Bygghälsan e cerâmicas vintage de Praga. Na pág. anterior, o mural da artista finlandesa Mirja Ilkka preenche as paredes do living composto, em primeiro plano, por pufe Camaleão, da B&B Italia, e, ao fundo, luminária de palmeira garimpada na França, cadeira System 1-2-3, de Verner Panton, escultura de leão e luminária vintage da Flos, apoiada sobre o sofá de Cini Boeri (da esq. para a dir.), tudo sob lustre da Venini

No corredor que dá acesso aos quartos, o tapete de lã e o pufe revestido de cortinas antigas têm autoria de Marie Olsson, e ficam sob lustre italiano vintage. Na pág. seguinte, em outro quarto, o retrato de Sissel Wibom faz companhia para o pendente Viscontea, design Achille e Pier Giacomo Castiglioni para a Flos





CITAÇÕES DO FUTURO



Autor do *amanhã*
e guardião do
passado, o estúdio
multidisciplinar
Di Virgilio Veneziano
materializa em um
apartamento milanês
a força da conjugação
entre *arquitetura*,
design e arte

TEXTO SILVIA ALBERTINI

FOTOS FILIPPO BAMBERGH

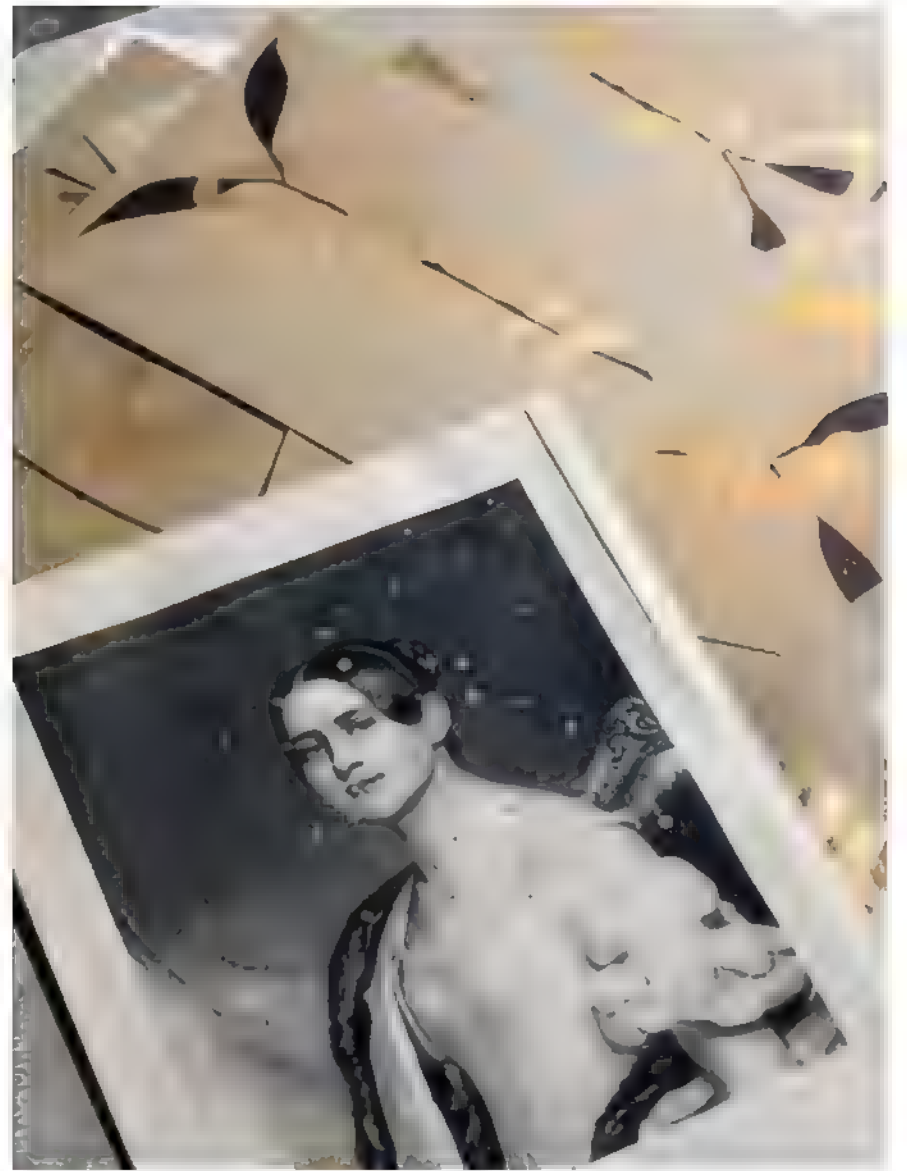
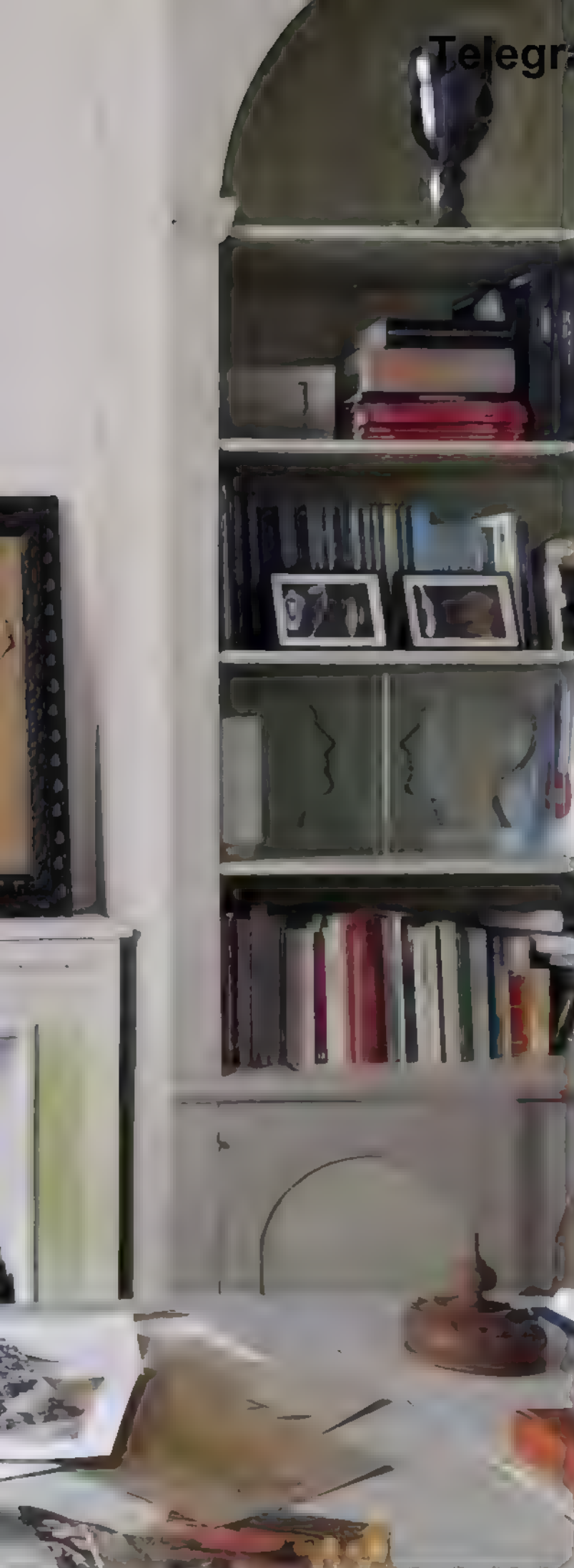
Telegram @clubederevistas



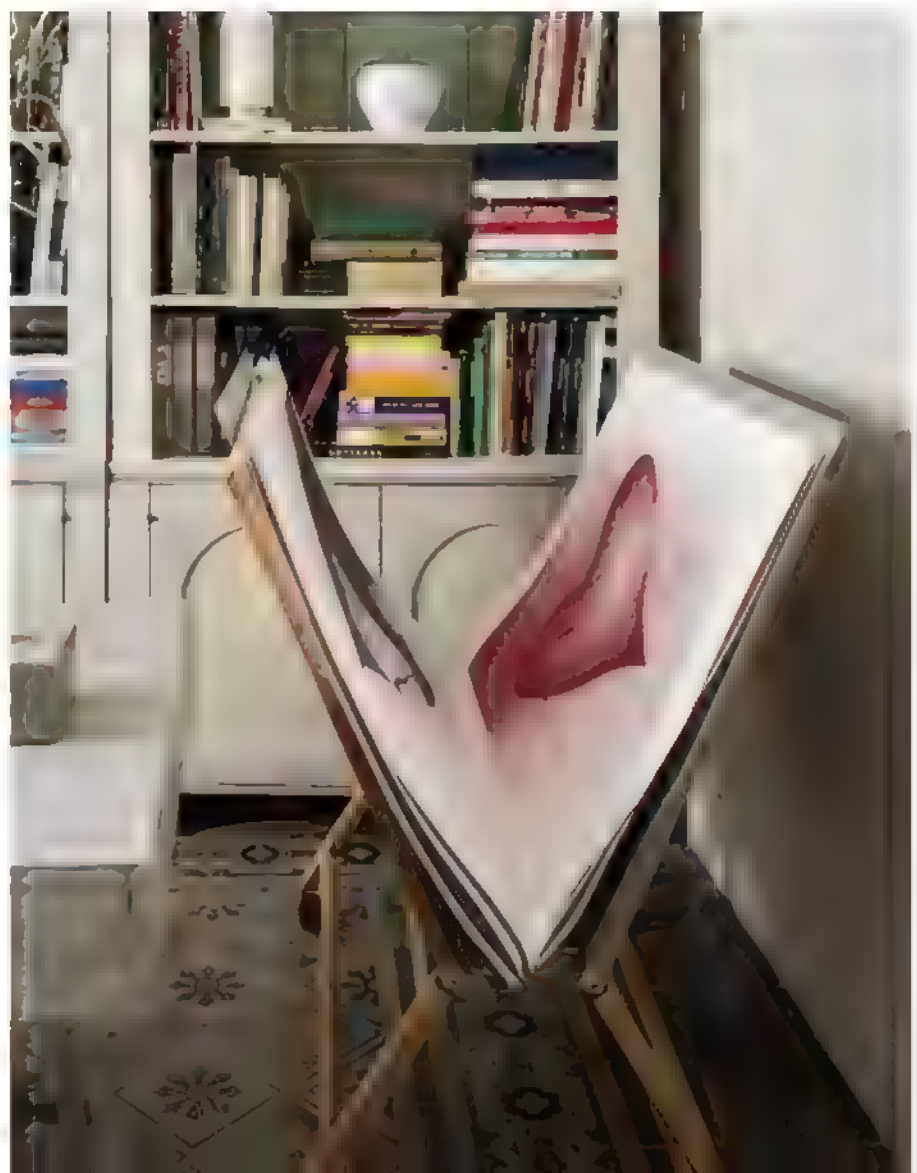
No living, a cadeira escultural
Heart, design de Virgílio
Veneziano, repousa sobre o
tapete Ariano, da coleção
Eroto, desenho de mesma
autoria para a Carpet Edition.
No sag, anterior, em outro
ângulo do ambiente, arte de
Muroto da coleção Ossidi
e escultura Vaso, ambos
criações de Gianni Veneziano



“Cada *restauração* é um convite para olhar *peças antigas* com novos olhos, *redescobrir o respeito* pelo que foram” GIANNI VENEZIANO



Acima, tela de autoria de Gianni Veneziano; abaixo, no canto do ateliê, obras assinadas pelo dono da casa compartilham a cena com o abajur Bugia, de Davide Groppi, na estante (à esq.); e, à esq., o artista posa diante de vasos da coleção Ossidi, desenhada por ele, e da estante projetada com Luciana Di Virgilio, executada por um artesão da Puglia





À esq., no ateliê, escultura *Hand Drawing*, de Gianni Veneziano; e, acima, na cozinha, objetos da coleção *(S)oggetti Smarriti* e pinturas do morador, com exceção da tela branca com intervenções pictóricas de sua filha, Virginia, sobre a prateleira. Na pág. seguinte, no mesmo ambiente, a mesa de refeições de arte *povera* recebe cadeira vintage



arquiteto, inventor e filósofo americano Buckminster Fuller (1895-1983) disse, certa vez, que a melhor maneira de prever o amanhã é desenhá-lo. A citação parece descrever a atuação do Di Virgilio Veneziano, estúdio que usa a arquitetura, o design e a arte para criar pontes entre passado e futuro. Parceiros na vida e na profissão, a designer Luciana Di Virgilio e o artista Gianni Veneziano encaram seus trabalhos como possibilidades de tecer histórias novas, com o coração no pretérito e os olhos no que há de pintar por aí.

“Buscamos desenterrar a alma do lugar, abraçar sua essência para criar ambientes autênticos, significativos e éticos”, conta Luciana sobre a conduta de suas criações, como a recém-inaugurada sede milanese da Casa dei Disegni (em português, Casa dos Desenhos), desdobramento do espaço multifuncional realizado pelo casal na região da Puglia, que encarna esse conceito desde a escolha de sua localização. O apartamento fica em Città Studi, bairro próximo a uma faculdade de arquitetura e design, onde a tradição arquitetônica de Milão se funde com a modernidade. “A região conta a história de uma cidade em evolução”, explica a designer. “Aqui, o rigor racionalista se mescla com a elegância do estilo liberty em um contexto animado pela presença de estudantes.”

O projeto transformou um imóvel centenário de 110 m² em um “cenário de vida em constante evolução”, que funciona como galeria de arte, *guesthouse* e lugar de eventos. “As duas sedes da Casa dei Disegni são palcos de troca e trabalho. Nelas, a linha entre privado e público se confunde em harmonia”, descreve Luciana.

Graças a uma reforma quase “psicanalítica”, por sua capacidade de ajudar o espaço a se transformar em si mesmo, o apartamento mantém a planta das moradias locais do começo do século passado. A intervenção valorizou os elementos originais: devolveu o parquê à “espinha milanese”, desenterrou os antigos ladrilhos escondidos debaixo de azulejos da década de 1980, além de restaurar as janelas, as portas e os estuques do teto. “A inspiração vem da escuta dos territórios, do cuidado com os lugares, da arte de descobrir a beleza escondida em ambientes imprevisíveis que deságua na busca pela autenticidade”, justifica a designer.



No décor, o duo criou uma polifonia de objetos ao juntar cerâmicas antigas, lembranças de família, ícones do design, peças adquiridas em antiquários ou encontradas em mercados e instalações artísticas. Já a paleta de cores contribui para a sensação de paz e harmonia: além dos tons de cinza e creme, o verde da entrada evoca a natureza (escassa na cidade), ao passo que o teto azul da cozinha lembra o céu nublado da capital do design. As paredes da sala, despojadas do papel que as cobria, podem respirar. Ainda há os detalhes dourados, marca registrada do casal, como fundamenta Luciana: “O ouro representa a ideia de um ‘novo luxo’. Consertar, dar novas possibilidades ao que parece quebrado, como na arte japonesa do *kintsugi*, é um gesto de responsabilidade, para nos salvarmos antes de salvar o planeta”.

A proposta da transformação pela revisitação de itens esquecidos é aprofundada nas obras de Gianni, que povoam as paredes. O artista recolhe itens abandonados – cerâmicas, tecidos e artefatos – para dar-lhes nova vida, sem nostalgia, mas como um ato criativo que muda o presente. “Cada restauração é um convite para olhar peças antigas com novos olhos, redescobrir o respeito pelo que foram. Uma viagem de consciência e conhecimento, que nos desafia a reinventar nossa relação com o passado para imaginar um novo começo”, reflete o autor. Mais do que uma simples recuperação, trata-se quase de um desafio político. A arte, aqui, não é apenas uma linguagem visual, mas um gesto de responsabilidade que, pelo reaproveitamento, redesenha a identidade do que somos e do que ainda podemos ser. ●

No corredor, em primeiro plano, a escultura *Servomuto*, diante de outras obras do proprietário – ao fundo, o teto é preenchido por papel de parede da Fornasetti. Na pág. anterior, Gianni Veneziano e Luciana Di Virgilio vestem macacões de Gentucca Bir... com quadros da coleção (S)oggetti Smarriti ao fundo





Em sentido horário, a partir da foto acima: no banheiro, lavatório antigo com pedestal, espelhos com molduras de latão e cerâmica de Capodimonte; no detalhe do quarto, colar *Walking Man* e versão usável da escultura *Hand Drawing*, ambos desenhados pelo Di Virgilio Veneziano; e outro ângulo do mesmo ambiente contempla escrivaninha de *arte povera*, abajur *Vis à Vis*, de Davide Groppi, pintura de Gianni Veneziano e arranjo floral da Verderame Milano. Na pág. seguinte, roupa de cama de tecido vintage desenhada pelo dono da residência, luminária de piso Hashi, de Davide Groppi, e candeeiro de *arte povera* arrematado na Catawiki

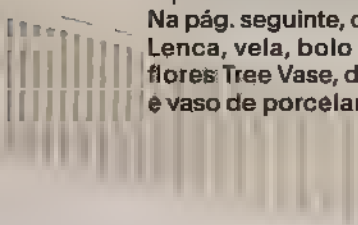


"Taiscentos desenterram a alma
do lugar, abrigar sua essência
para criar ambientes
multiflexos, significativos e
éticos" *ocasiomarcado*



Telegram @clubederevistas

O living exibe poltrona Utrecht, design Gerrit Rietveld para a Cassina, abajur de Les Dalo, banco de cogumelo da Seletti, com taça de cristal da St. Louis, na SKP Select, sofá Osaka, de Pierre Paulin, reeditado pela LaCividina, e mesa de centro K1000, de Ronald Schmitt, na Concept 101, onde repousa vaso da Vitra – na parede, quadro de Park Yunji. Na pág. seguinte, detalhe da sala de jantar, com tela do Studio Lenca, vela, bolo e cesta da ceramista Okabu, vaso de flores Tree Vase, de Manuel Sánchez-Algora, na Yeshoupai, e vaso de porcelana presenteado por amigos



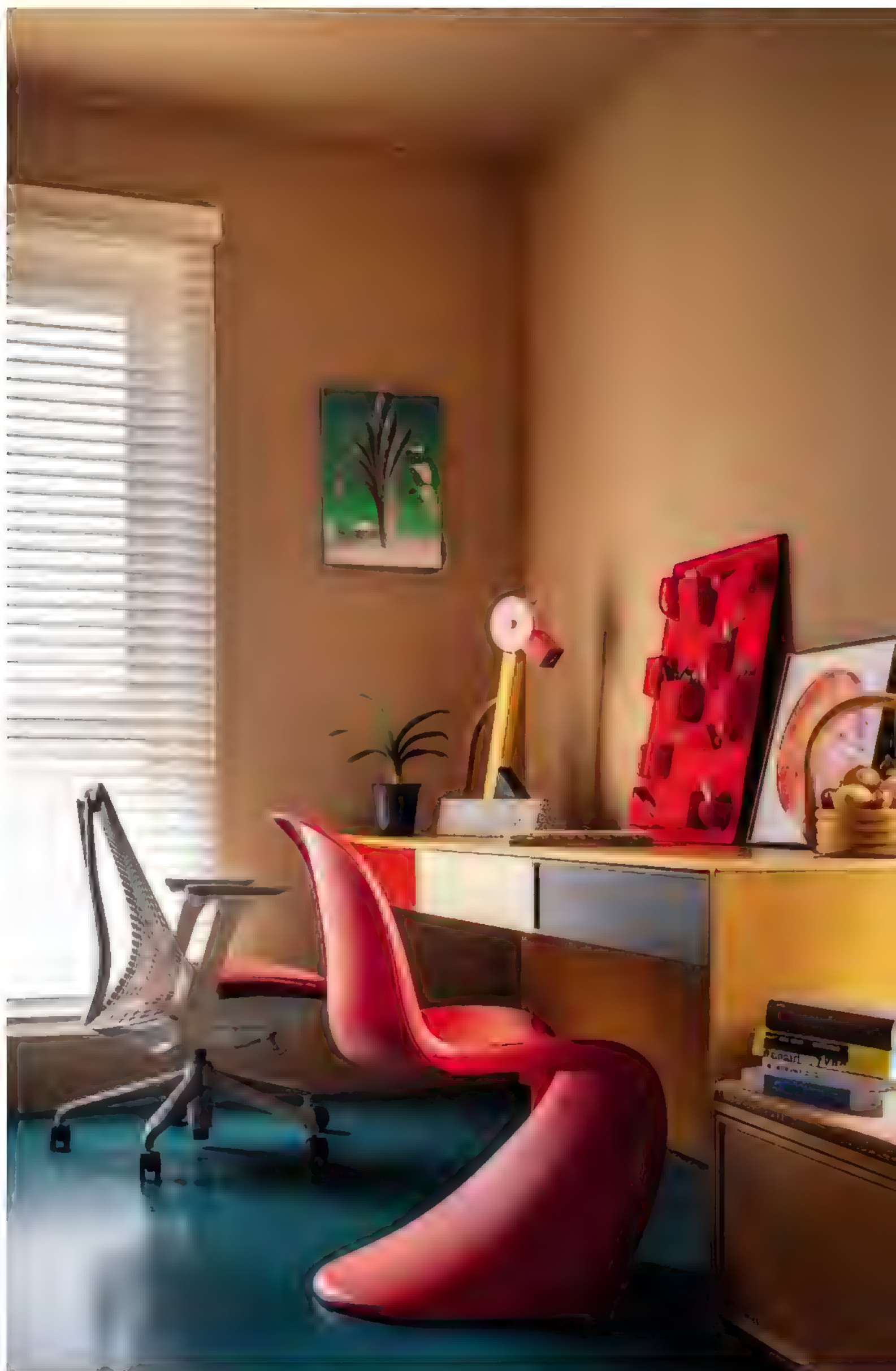


1 + 1

Um casal de criativos de *Pequim, na China*,
faz da reforma de seu apartamento
uma *jornada de autoconhecimento* pontuada
por ícones do design

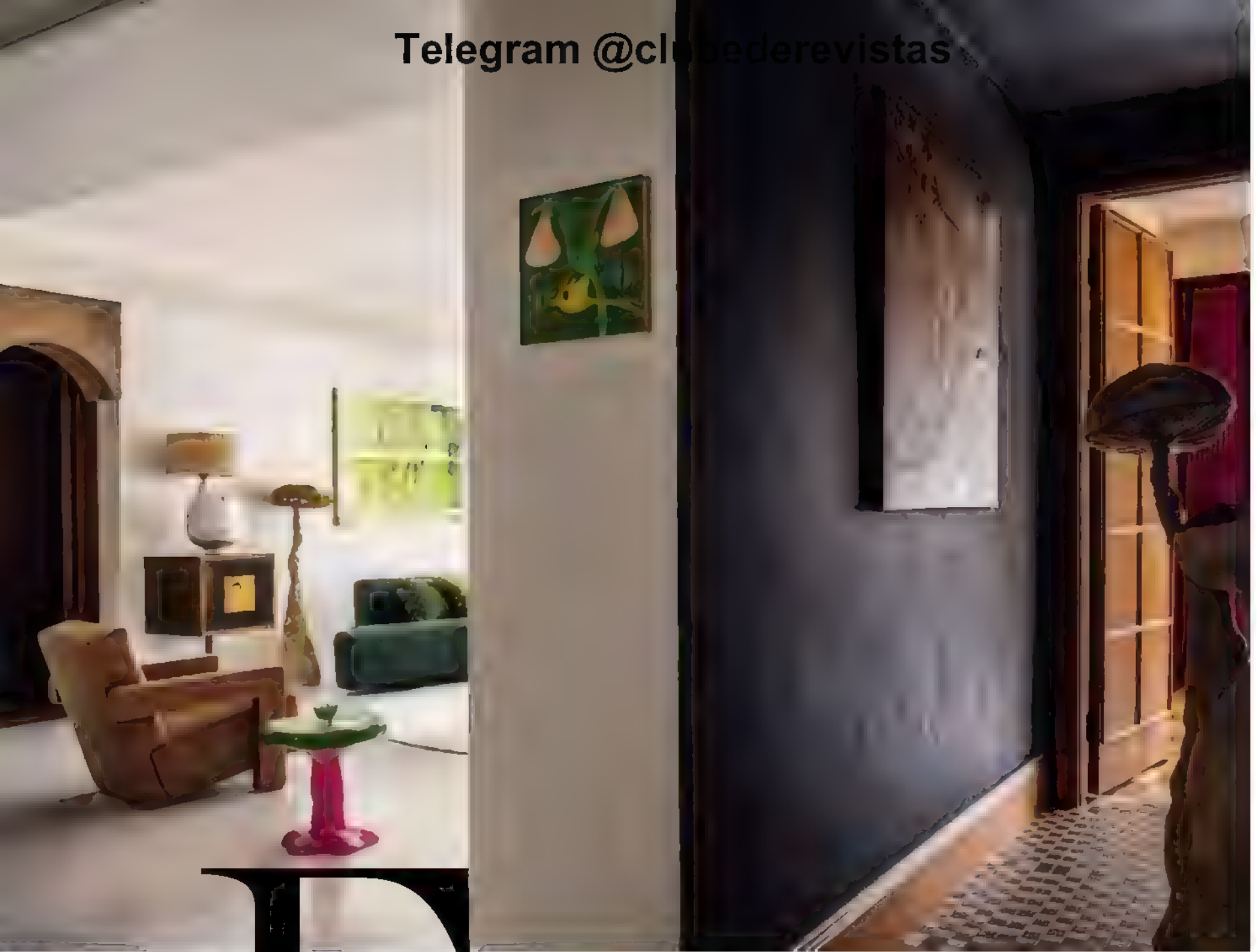
TEXTO HUO YUJIA ESTILO YUAN FANG FOTOS BORIS SHIU

À dir., no escritório,
cadeiras Sayl, design
Yves Béhar para a
Herman Miller, e
Panton, design Verner
Panton para a Vitra,
luminária de mesa
Tahiti, de Ettore
Sottsass, da Memphis
Milano, organizador
vermelho Uten.Silo,
design Dorothee
Becker para a Vitra, e,
na parede, quadro de
Leng Guangmin.
Na pág. seguinte, no
living, poltrona Sofa
with Arms, design
Shiro Kuramata
para a Cappellini, e
esculturas de
cogumelo de Cindy Wu









Acima, o corredor entre o living e os quartos exibe as telas *Sedução*, de Feiyu, e *Sutura*, de Chen Qin, ambas na galeria 00Hart (da esq. para a dir.). Na pág. anterior, ângulo da sala de jantar destaca as cadeiras Toscanolla, de Alessandro Becchi, na Zhonggu Jiaju, e a mesa de Pier Alessandro Giusti e Egidio Di Rosa, sob a luminária de Muller Van Severen e diante da tela do Studio Lenca

E

sta casa em Pequim, na China, é a terceira morada decorada por Li Guanru e Song Zhen. Após 12 anos junto, o casal decidiu reformar sua residência a fim de fazer dela um caminho para explorar as suas identidades. Os designers Ying Zhizhao e Quan Bowei, do Jiazhi Studio, assumiram o papel de “companheiros de viagem” nessa jornada quase espiritual. Mais que isso: foram convidados a participar da criação do espaço que simboliza a maturidade do par.

A entrevista para esta reportagem se deu na sala de estar, onde há uma poltrona que mais parece uma escultura geométrica, um sofá com volumes arquitetônicos e uma mesa de centro de vidro e pedra de aparência pouco prática. “A maioria das pessoas procura atender, primeiro, às necessidades de conforto e funcionalidade. No living deles, talvez você não consiga encontrar uma cadeira confortável de verdade”, brincam Ying e Quan.

Li é um diretor criativo que equilibra a sua expressão artística com o que o mercado pede. Song é roteirista com talento para contar histórias. Suas formações trazem perspectivas distintas, mas o antipragmatismo de ambos é como um metrônomo que os leva a ressoar na mesma frequência.

Apesar de possuir, no local onde trabalha, móveis e objetos do grupo italiano Memphis, em casa, Li se inclina às tendências do *mid-century modern*. Após os 35 anos de idade, a ambivalência tem sido o tema de sua vida, como se houvesse duas versões de si mesmo. Uma delas se identifica como um homem prosaico, talvez até mediano. “Antes, eu costumava me questionar por não ter características pessoais tão marcantes, por não ser ‘difícil de lidar’, como outros designers. Também sou libriano, e parece que isso de equilibrar diferentes pontos de vista está enraizado nos

meus genes.” Do outro lado, há uma persona que se preenche com a maneira de ser de sua esposa.

Formada na Central Academy of Drama, sua atuação como roteirista encanta pela sensibilidade e a empatia com que Song lida com as pessoas e espaços ao seu redor, sem que suas peculiaridades se percam. Essa é a parte que Li mais quis (e quer) preservar. “Song tem preferências muito claras”, conta o marido. “Durante a reforma, houve vezes em que ela propunha algo, e eu me encarregava de realizar.” O jeito marcante de Song se tornou um complemento para a suposta “falta de personalidade” de Li. Um pouco do “eu” que ele buscava estava nela.

A paixão de Song pelo teatro rendeu à casa um visual exuberante: o hall do quarto do casal foi inspirado nas coxias da Broadway – espaço favorito da moradora –, e o closet recebeu cortinas de veludo vermelho e armários para joias com borlas pendentes,

como se uma atriz tivesse acabado de sair de seu camarim. No caminho para o banheiro, a vida cotidiana é envolvida pelo drama: “Nossa família é pequena. Não precisamos de quatro espelhos, mas, quando estamos aqui, de um lado para o outro, nos arrumando, as pequenas coisas ganham a dramaticidade de uma história”, descreve Song.

Enxergar a própria casa, para eles, é um processo de busca e aceitação de quem são. Na companhia de Song, todas as versões de Li podem dar as boas-vindas aos dias que estão por vir, da forma que ele mais gosta: sentado junto da janela, em uma poltrona coberta por lã de carneiro, ele folheia, descuidado, um livro. A sombra das árvores balançando traz uma sensação de tranquilidade, e do lado de dentro seu filho chama “Papai, papai!”, enquanto corre. “Assim, eu saberei que estou em casa. Assim, eu saberei que eu sou eu.” ●

Tradução Cesar Augusto Miranda Matosso

Abaixo, Song Zhen e Li Guanru posam no sofá Osaka, de Pierre Paulin, diante de quadro de Park Yunji; e, abaixo, à dir., na sala de banho, banheira da Gabo, luminária Mytilus, de Arturo Álvarez, tapete de lã da Ferm Living e elefante Sato, item japonês da era Shōwa. Na pág. seguinte, no quarto do filho, elefante Eames, design Charles e Ray Eames para a Vitra, carrinho organizador da B-Line, na SKP Select, e bonecos (sobre a cama) de Osamu Harada, na Osamu Goods









À esq., no banheiro, diante de espelhos que remetem a um camarim de teatro antigo, a lâmpada em forma de vela da Seletti, na livraria SKPS, faz companhia para o vaso de flores de Qian Qingtong. Na pág. anterior, no quarto do casal, a cama de Peter Maly, da Ligne Roset, apoia o boneco do Mickey, *collab* de Daniel Arsham com a Disney, sobre o tapete Salsa Swing 100, de Paulig, na Li and Wu – a miniestante e o copo sobre a mesa de cabeceira são do Memphis Design, na Zhonggu Jiaju



Arnold Gaber Winer com
na entrada da casa. Sem
de seus três cães. Na foto,
seguido, vista da janela
de cima. Patrimônio da
Humanidade pela Unesco

É TUDO DA LEI



A casa de campo do designer de interiores *Arnaud Cabri-Wiltzer* é um reflexo da própria cidade de *Sintra, em Portugal*, com arquitetura do séc. 19, decoração eclética e *certo misticismo no ar*



O living traz sofás Bombom, design Joana Vasconcelos para a Roche Bobois, banco Ohio, de Alessandro Mendini, conjunto de mesas de centro de Roberto Giacomucci e cadeira Hill House, de Charles Rennie Mackintosh, reeditada pela Cassina - na parede, tela de A. R. Penck





“Queríamos uma *decoração muito viva, jovem e colorida*, não uma casa de campo com sofá branco e lareira” ARNAUD CABRI-WILTZER

Na sala de jantar, mesa de Tobia & Afra
Scarpa, cadeiras Objet Perdu, design
Philippe Starck para a Driade, aparador
vintage da Novo Rumo, arandelas Uchiwa,
design Inge Meuser para a M.Design, e
pendente de Helena Tynell. Na pág.
anterior, ângulo do living destaca
carrinho-bar de Pierre Cardin e um trecho
das "videiras" de gesso e cortiça que
percorrem todo o ambiente





rnamentos de todos os tipos fazem de Sintra uma cidade de conto de fadas. Com vegetação exuberante e um clima particular, diz a lenda – muito verdadeira, por sinal – que Fernando II de Portugal, consorte de D. Maria II, se apaixonou pela região assim que a viu. Pouco depois de chegarem ao país, no séc. 19, o vienense decidiu restaurar e ampliar o antigo Mosteiro Real de Nossa Senhora da Pena, até torná-lo um palácio único e heterogêneo, rodeado por um jardim ainda mais fantástico. A nova residência de verão da família real popularizou a cidade entre as classes mais altas. Sintra começou a receber aristocratas e artistas, bem como arquitetos magníficos, que seguiram o exemplo do novo Palácio da Pena e desenharam uma cidade tão neogótica quanto neoárabe, tão neomanuelista quanto neorrenascentista.

Em Sintra, tudo é possível, incluindo chalés alpinos – como aquele construído por Fernando II para a Condessa de Edla, sua amante (e futura esposa), cuja fachada é arrematada por um mural de cortiça que simula uma floresta. Como o designer de interiores e consultor de arte Arnaud Cabri-Wiltzer não se encantaria por esse horizonte de possibilidades? “É um lugar mágico, místico, que faz parte da história de Portugal, perto do

aeroporto e cheio de natureza”, conta o francês. Após um tempo vivendo entre Paris e Lisboa, ele e seu par quiseram experimentar os benefícios de passar os fins de semana no campo. Encontraram, por acaso, a Casa das Rosas, residência construída no final do séc. 19 pelo pai do famoso arquiteto português Raul Lino, José Lino da Silva. Sua proprietária anterior a mantivera praticamente intacta.

“Havia muitas características que nos encantavam, mas também estava bem depreciada”, confessa Arnaud. Foram necessários dois anos e meio para restaurar por completo seus mais de 450 m², e quase 1,6 mil m² de jardim: instalaram o piso, repararam a estrutura, resolveram algumas infiltrações e potencializaram a luz natural. “Mantivemos o layout porque era uma distribuição inteligente”, garante, ao mesmo tempo que ressalta que a renovação se concentrou em realçar o caráter original e modernizar as instalações. “As casas tradicionais de Sintra eram bastante escuras e, embora tenhamos decidido não utilizar materiais modernos para manter a identidade do local, quisemos trazê-lo para o nosso tempo. Agora tem um estilo mais contemporâneo.” O mobiliário e a coleção de arte são os culpados pela mudança de cenário. “Queríamos uma

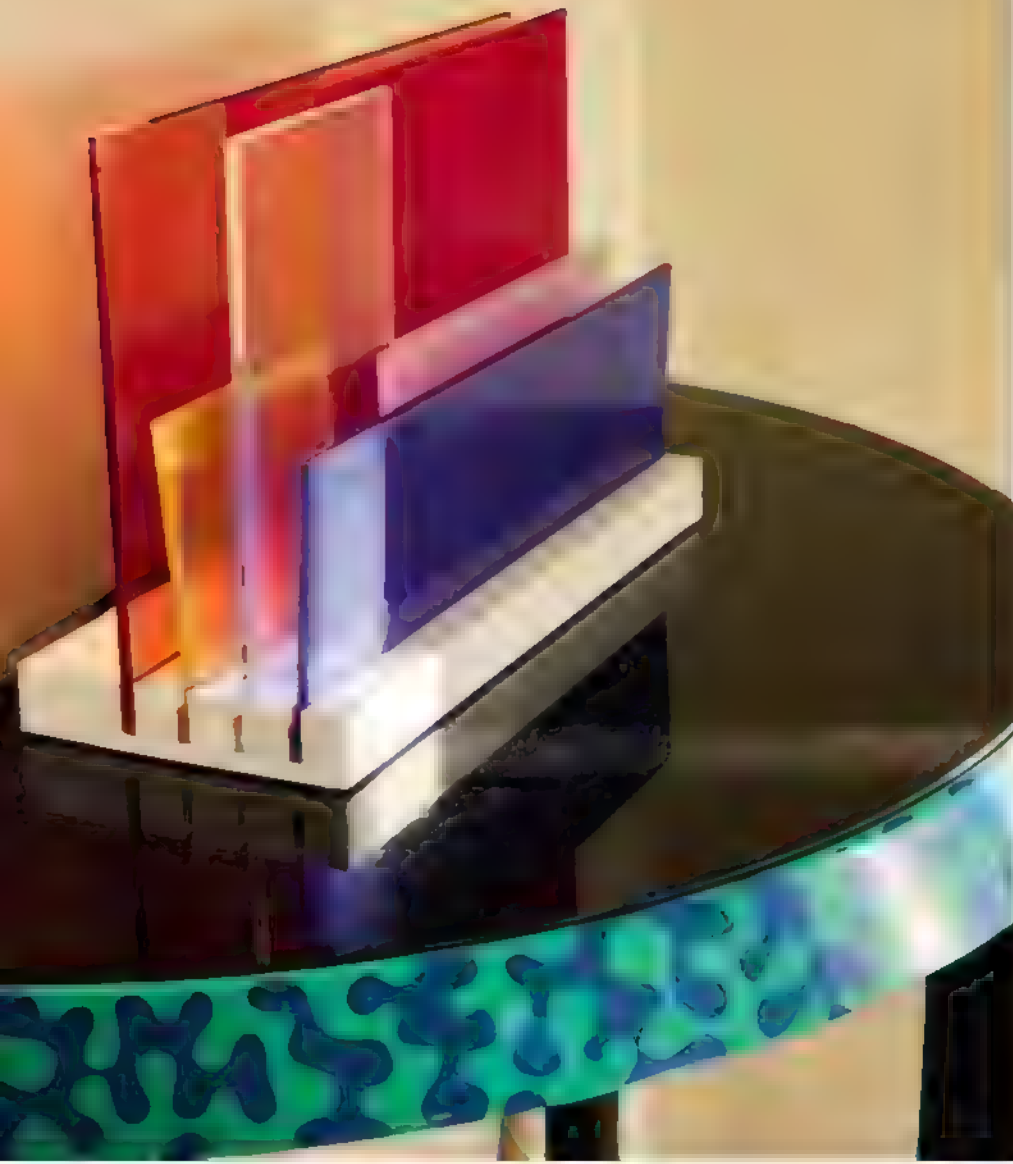
Detalhe da mesa de centro de Robert
Giàcomucci, no living; à dir., estandela
da Maison Jansen; e, abaixo, à dir., esculturas
de Gio Schiavo. Na pág. anterior, à esq.,
no hall de entrada, mesa de Jean-Jacques
Lafont, pendente Cloud, de Frank
Gehry, cadeira Ettore, do Studio Greco,
banho, sofá de Jorge Zalszupin,
e Percival Jafé, as mesas de
Scazzolini (à centro) e Méret
Opdam (à dir.) na parede, par
deleto de Tommaso Barbi.

OSCAR

decoração muito viva, jovem e colorida, não uma casa de campo com sofá branco e lareira. Pode ser extravagante, mas dialoga com a nossa geração", acrescenta, animado.

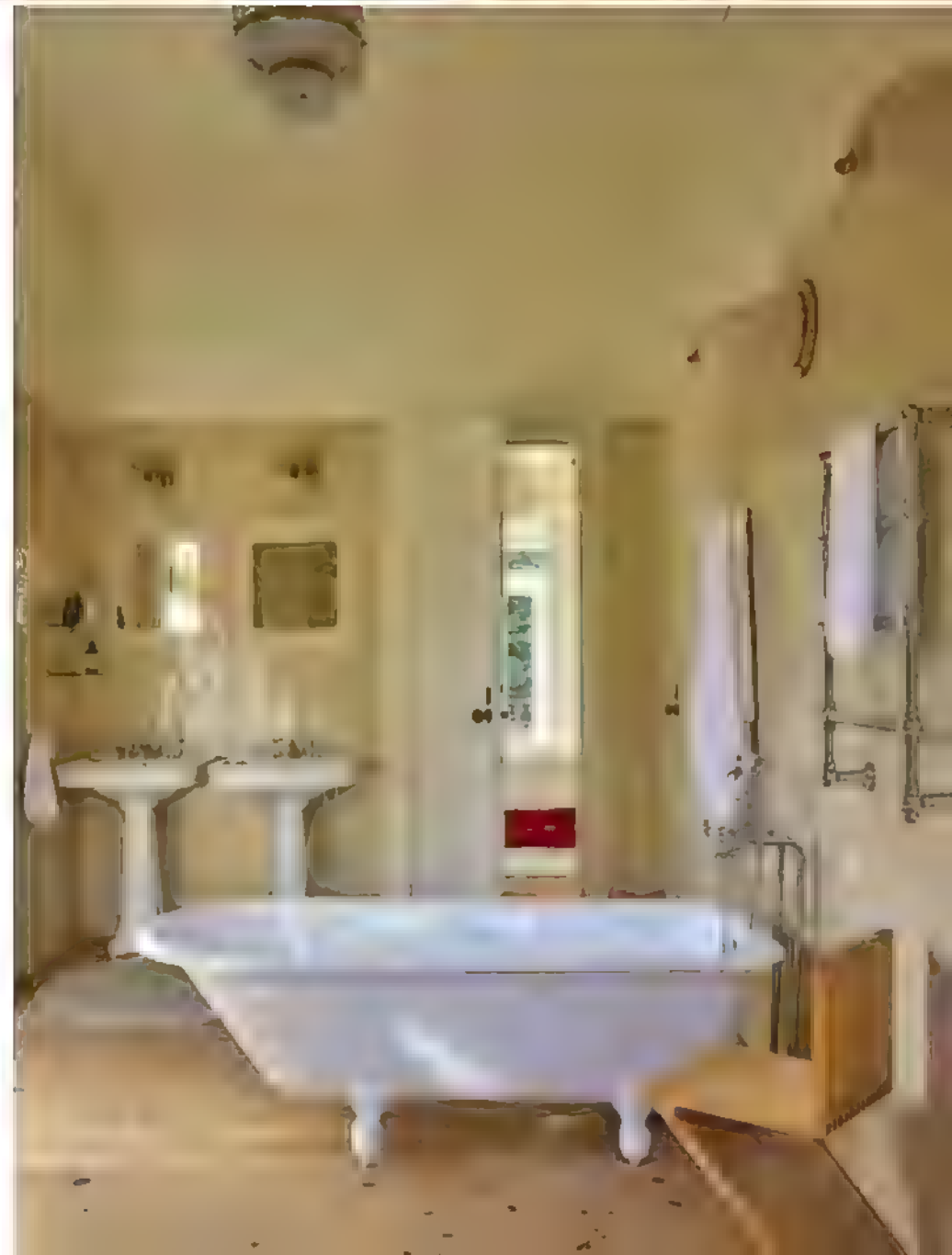
À espécie de instalação de videiras feitas de gesso e cortiça, original da construção, juntam-se vários sofás Bombom, da designer portuguesa Joana Vasconcelos, luminárias de Frank Gehry e cadeiras de Philippe Starck. Até onde a vista alcança, tudo é vintage ou tem sobrenome importante: Le Gall, Mangiarotti, Cazenave, Paulin, Cardin, Maurer... As referências são infinitas e elegantes. "Combinamos peças pesadas com outras mais leves para gerar diferentes camadas de textura", explica Arnaud. O resultado eclético e charmoso é reflexo da variedade arquitetônica da cidade e da definição precisa de atemporalidade. "Acho que está fora dos limites do espaço e do tempo, desconectado do mundo atual. É mágico. Quando faz sol, você se sente num filme italiano dos anos 1950, com todas as janelas abertas, os pássaros, as abelhas... De repente, puf! Começa a chover e a temperatura cai drasticamente, mudando o clima." É o feitiço de Sintra. "Para os olhos, é fascinante e agradável. Um lugar onde você pode dar asas à imaginação", crê o dono da casa, assim como acreditavam reis e rainhas antes dele. ●





Acima, luminária da coleção On Lines, design Jean Nouvel para a Nemo, sobre a mesa Agrilo, de Alessandro Mendini; acima, à dir., no quarto, espelho Narciso, design Pierre Cardin para a Acerbis; e, à dir., no banheiro, espelhos vintage design Anna Castelli Ferrieri para a Kartell, e cadeira Zig Zag, design Gerrit Rietveld, reeditada pela Cassina – na parede (à dir.), par de arandelas design Studio Job para a Venini. Na pág. seguinte, na área externa, conjunto garimpado de mesa e cadeiras de jardim

“Sintra é um
*lugar mágico,
místico,*
que faz parte
da história
de Portugal”
ARNAUD
CABRI WILTZER





Telegram @clubederevistas

CASA
VOTE



APRESENTAM

OS CURSOS

Produção de Interiores e Fotografia

DE 18 A 22/03



Realizando os dois cursos,
alunos ainda garantem
um desconto especial!

Ao pagar o valor integral
no primeiro curso,
o segundo sai com
10% DE DESCONTO

Envie um e-mail para:
atendimento@ied.com.br

Gestão de Escritórios de Arquitetura

POR

Perkins&Will

DE 20 A 24/05



CASA

VOGUE

CONDÉ NAST

Chief Executive Officer **ROGER LYNCH**
 Chairman of the Board **JONATHAN NEWHOUSE**
 Chief Revenue Officer **ELIZABETH HERBST-BRADY**
 Chief Content Officer **ANNA WINTOUR**
 Chief Financial Officer **NICK HOTCHKIN**
 Chief People Officer **STAN DUNCAN**
 Chief Communications Officer **DANIELLE CARRIG**
 Chief of Staff **SAMANTHA MORGAN**
 Chief Product & Technology Officer **SANJAY BHAKTA**
 Chief Content Operations Officer **CHRISTIANE MACK**

EDIÇÕES GLOBAIS

ALEMANHA AD, Condé Nast Traveller, Glamour, GQ, Vogue
ESPAÑA AD, Condé Nast Traveller, Glamour, GQ, Vanity Fair, Vogue
ESTADOS UNIDOS AD, Allure, Ars Technica, Bon Appétit
 Condé Nast Traveler, epicurious, Glamour
 GQ, LOVE, Pitchfork, Self, Teen Vogue, Them, The New Yorker, Vanity Fair, Vogue, Wired
FRANÇA AD, GQ, Vanity Fair, Vogue
ÍNDIA AD, Condé Nast Traveller, GQ, Vogue
ITÁLIA AD, Condé Nast Traveller, GQ, La Cucina Italiana, Vanity Fair, Vogue, Wired
JAPÃO GQ, Vogue, Wired
MÉXICO E AMÉRICA LATINA AD, Glamour, GQ, Vogue, Wired
ORIENTE MÉDIO AD, Condé Nast Traveller, GQ, Vogue
REINO UNIDO Condé Nast Johansens, Condé Nast Traveller, Glamour, GQ, House & Garden, Tatler, The World of Interiors, Vanity Fair, Vogue, Vogue Business, Wired
TAIWAN GQ, Vogue

PUBLICAÇÕES EM SOCIEDADE

BRASIL Casa Vogue, Glamour, GQ, Vogue

PUBLICAÇÕES SOB LICENCIAMENTO OU COPYRIGHT COOPERATION

ÁFRICA DO SUL Glamour, GQ, House & Garden
AUSTRÁLIA GQ, Vogue
BULGÁRIA Glamour
CHINA AD, Condé Nast Traveler, GQ, Vogue
COREIA DO SUL Allure, GQ, Vogue
ESCANDINÁVIA Vogue
FILIPINAS Allure, Vogue
GRÉCIA Vogue
HOLANDA Vogue
HONG KONG Vogue, Vogue Man
HUNGRIA Glamour
ORIENTE MÉDIO Wired
POLÔNIA Glamour, Vogue
PORTUGAL GQ, Vogue
REPÚBLICA CHECA E ESLOVÁQUIA Vogue
SINGAPURA Vogue
TAILÂNDIA GQ, Vogue
TURQUIA GQ, Vogue
UCRÂNIA Vogue

Impressão Ipsi Gráfica e Editora S/A.

Rua Vereador José Nanci, 151 Parque Jacatuba, Santo André, SP

Distribuição para todo o Brasil SPDL São Paulo Distribuição e Logística

+55 DESIGN

55-design.com

ARNAUD CABRI-WILTZER

instagram.com/
arnaud_cabri_wiltzer

B&B ITALIA

bebitalia.com

B-LINE

b-line.it

BYGGFABRIKEN

byggfabriken.se

CAPPELLINI

cappellini.com

CARPET EDITION

carpetedition.com

CASA BRASILEIRA SALVADOR

instagram.com/
casabrasileirasalvador_

CASSINA

cassina.com

CATAWIKI

catawiki.com

DANIEL JORGE

instagram.com/daniel.jorge_

DESMOBILIA

desmobilia.com.br

DI VIRGILIO VENEZIANO

divirgilioveneziano.com

DRIADE

driade.com

DRIES VAN NOTEN

driesvannoten.com

ELLOS

ellosgroup.com

FERM LIVING

fermliving.com

FLOS

flos.com

FORNASETTI

fornasetti.com

GABO

gabowy.com

GENTUCCA BINI

gentuccabini.it

HERMAN MILLER

hermanmiller.com

IKEA

ikea.com

KARTELL

kartell.com

LACIVIDINA

lacidivina.com

LIGNE ROSET

ligne-roset.com

MAGDA BUTRYM

magdabutrym.com

MEMPHIS MILANO

memphis.it

NEMO LIGHTING

nemolighting.com

OSAMU GOODS

osamugoods.com

PIERRE CARDIN

pierrecardin.com.br

SELETTI

seletti.it

SKP SELECT

skpselect.com

SQUARE FOOT

squarefoot.com.br

ST. LOUIS

saint-louis.com

TUBOAR

tuboar.com.br

VENINI

venini.com

VERDERAME MILANO

instagram.com/
verderame_milano

VITRA

vitra.com



Casa Vogue ama
(pág. 16)

O que vem depois
O começo.

Dancin' Days
1978

O FUTURO JÁ 100 ANOS

globo

globo

globo

globo

globo

globo

globo

globo

globo

globo

globo

EDITORIA GLOBO

globo

globo

globo

globo

VIVA

off

olha

BLZ

modo

80s

globo

EDMIR

GQ

de 100 anos?
O futuro.

COMEÇOU DE GLOBO

Garota do Momento
2025

O GLOBO

Valor

EXTRA

Auto
esporte

CASA e JARDIM

CASA

Crescer

ela

NEGÓCIOS

GALILEU

SGR
SÉRIE GLOBO DE SAÚDE

rdella
(i)Globe

M
Fundação
Roberto
Marinho

oceografia

Empresas
Negócios

marie claire

monet

Pipeline

Quem

techtudo

investe

VOGUE

CBN

hpu

Futura



DIAS TÃO AZUIS

Se o mar chegou, ainda que de forma inventada, ao interior paulista, melhor que haja diante dele um bom hotel para desfrutar as pranchas a deslizar. É essa a proposta do recém-aberto Boa Vista Surf Lodge, com operação do Grupo Fasano, a apenas uma hora de São Paulo. A alma de verão típica de destinos litorâneos transmuta-se para o campo no hotel, que une o charme serrano à cultura do surfe: uma piscina de ondas de água doce, cercada por areia fina, promete entregar cenários paradisíacos, como se os hóspedes estivessem de fato à beira-mar. Os arquitetos Sig Bergamin e Murilo Lomas assinam o projeto de interiores e o arquitetônico – este último, em colaboração com o PSA Arquitetura, de Pablo Slemenson. Inspirado na estética das vilas costeiras dos Hamptons e de Carmel, o time desenhou, para uma área de 8 mil m², uma edificação com 57 quartos que parecem saídos dos filmes de Nancy Meyers – com uma boa dose de bossa, é claro –, a maioria com vista para a água e o jardim com paisagismo de Maria João d'Orey. Entre os matizes azuis, brancos e amadeirados das paredes, 100 fotografias de clubes dos anos 1970, com curadoria de Sig e Murilo, arrematam o décor com bastante brasilidade. Ideal para curtir belos dias de praia, centenas de metros acima do nível do mar. boavistasurf lodge.com.br

TEXTO NICOLY BERNARDES

FOTO FRAN PARENTE/DIVULGAÇÃO



ESPM

APRESENTAM
O CURSO

GESTÃO DE PRODUTOS E VENDAS PARA MODA MASCULINA

17 a 20 de março

Inscriva-se em:
www.espm.br
ou aponte a câmera
do seu celular para
o QRCode ao lado



Telegram @clubederevistas

BRETON

Fresh Summer SALE



@BRETONOFICIAL

@BRETONDUBAI